



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS DE GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**O *FLANEUR* JOÃO DO RIO: um olhar sobre a moderna cidade
do Rio de Janeiro e os seus paradoxos**

**GUARABIRA-PB
2018**

JOSÉ AURÉLIO RIBEIRO DA SILVA

**O *FLANEUR* JOÃO DO RIO: um olhar sobre a moderna cidade
do Rio de Janeiro e os seus paradoxos**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado a Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Guarabira
como requisito parcial à obtenção do título de Graduado
em História.

Área de concentração: História, Cidade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, José Aurélio Ribeiro da.
O Flaneur João do Rio: [manuscrito] : um olhar sobre a moderna cidade do Rio de Janeiro e os seus paradoxos / José Aurélio Ribeiro da Silva. - 2018.
72 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Crônicas. 2. Modernidade. 3. Cidade. 4. Modernização.
21. ed. CDD 307.76

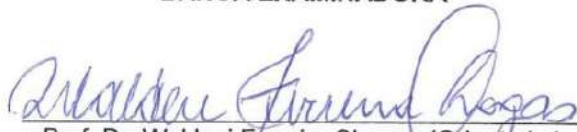
JOSÉ AURÉLIO RIBEIRO DA SILVA

**O FLANEUR JOÃO DO RIO: um olhar sobre a moderna cidade
do Rio de Janeiro e os seus paradoxos**

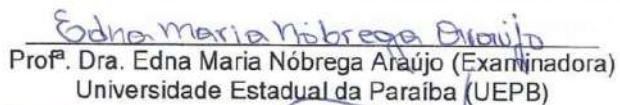
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado a Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Guarabira
como requisito parcial à obtenção do título de Graduado
em História.

Aprovada em: 23/05/2018.

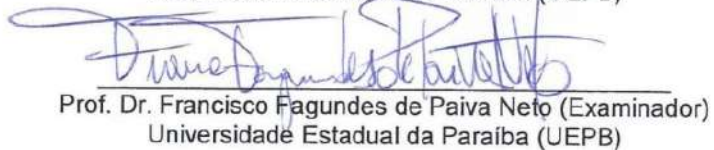
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, Edilma Maria da Silva Ribeiro e Raimundo Ribeiro da Silva, pelo modelo ético contínuo, por todos os ensinamentos e pelo apoio que sempre me deram nos meus estudos. Aos meus avós Manoel Moisés e Luzia Guilhermina (In memoriam). **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu tal realização em minha vida;

Ao Prof. Waldeci Ferreira Chagas, pelas orientações;

Aos meus pais, ao irmão Ginaldo Ribeiro e as irmãs Janeide, Janiane, Gisélia e Gesiane, que sempre torceram por mim;

Aos amigos Cícero e Aldeyze, que sempre me deram apoio;

A todos/as os/as Professores/as pelo carinho e os ensinamentos virtuosos que dividiram comigo e os colegas do curso;

Aos/as amigos/as e companheiros/as de docência. E a todos/as que de alguma forma colaboraram com a realização deste trabalho.

O choro do poeta apaixonado expressa um duplo sentimento [...] A condição de ver o destino da cidade atravessar-lhe o coração. Pior do que não viver é perder o amor à cidade (RODRIGUES, 2000, p.119).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa através das Crônicas de João do Rio, a modernização da cidade do Rio de Janeiro, e assim a relação deste cronista com essa cidade durante o final do século XIX e início do século XX. Nele ressaltamos a partir do olhar do cronista as transformações urbanas implantadas na cidade as quais estiveram ligadas ao processo da *Belle Époque Europeia*. Assim apontamos os fatores sociais que este processo causou nas vidas das classes pobres, uma vez que estes personagens são visibilizados pelo cronista nos seus passeios pela cidade que se modernizou. Para tal, discutimos o conceito de modernidade, modernismo e modernização, e entendemos e contextualizamos a ruptura que ocorreu na sociedade carioca do período, sobretudo, as elites urbanas que passaram a incorporar os novos aspectos culturais em evidências na Europa. Para fundamentar a discussão que trazemos recorremos a alguns teóricos e estudiosos da temática cidade e sua relação com a modernização, a exemplo de Anderson (1984), Aranha (2007), Berman (1986), Bradbury (1989), Lefebvre (1969), Milagre Junior e Faria Fernandes (2013), Parreiras (2001), Pesavento (2004), Touraine (1994), Williams (2011), White (1940), entre outros. Assim, consideramos que o nosso trabalho tem como objetivo, difundir a "preocupação" do cronista com as massas populares, de manter viva a cultura, os costumes e os hábitos destes grupos diante da cidade renovada, no qual apresentou as classes minoritária a academia com o seu olhar de *flaneur*.

Palavras-chave: Crônicas. Modernidade. Cidade. Modernização.

ABSTRACT

This work of course conclusion analyzes through the Chronicles of João of the River, the modernization of the city of Rio de Janeiro, and thus the relation of this chronicler with this city during the end of century XIX and the beginning of century XX. In it we stand out from the look of the chronicler the implanted urban transformations in the city which had been on to the process of the *Belle European Époque*. Thus we point the social factors that this process caused in the lives of the poor classrooms, a time that these personages are visible by the chronicler in its strolls for the city hat if she modernized. For such, we argue the concept of modernity, modernism and modernization, and understand and we contextualize the rupture that occurred in the carioca society of the period, over all, the urban elites who had started to incorporate the new cultural aspects in evidence in the Europe. To base the quarrel that we bring we appeal to some studious theoreticians and of the thematic city and its relation with the modernization, the exemple of Anderson (1984), Spider (2007), Berman (1986), Bradbury (1989), Lefebvre (1969), Miracle Júnior and Faria Fernandes (2013), Vine arbors (2001), Pesavento (2004), Touraine (1994), Williams (2001), White (1940), among others. Thus, we consider that our work has as objective to spread ou the “concern” of the chronicler with the popular masses, to keep alive the culture, the customs and the habits of these groups ahead of the renewed city, in which the academy with its look of *flaneur* presented these classrooms minority.

Keywords: Chronicles, Modernity, City, Modernization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A História Cultural e a Relação Com a Literatura.....	14
1.1 História e Literatura: um diálogo possível.....	14
1.2 A História e as Crônicas.....	20
2 A Cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX: modernização e europeização.....	26
2.1 Os Intelectuais e a Cidade Moderna: Paris um modelo ser seguido.....	26
2.2 A Cidade de Paris: Inspiração para a modernização do Rio de Janeiro.....	28
2.3 O Cronista João do Rio e a Revelação de Outra Cidade.....	34
3 João do Rio: Um cronista da cidade moderna.....	46
3.1 Quem foi João do Rio?.....	46
3.2 João do Rio e a outra face da cidade moderna: Que gente é essa?.....	47
3.3 João do Rio: Cronista ou Historiador da cidade?.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

No decorrer da graduação as discussões e debates sobre cidade e modernização nos anos de 1850-1901 que fizeram parte do componente curricular História do Brasil República ministrado pela Professora Edna Maria Nobrega despertou-me o interesse em pesquisar sobre esses anos citados; período em a capital do Rio de Janeiro aos poucos passou por transformações na sua estrutura urbanística influenciada pelo processo europeu denominado de *Belle Époque*.

Durante as discussões, o contato com a historiografia pertinente ao tema e o acesso à literatura foi relevante para a escolha desse tema. As crônicas me possibilitaram associar história, literatura e a discussão da modernização. Assim as crônicas de João do Rio sobre a cidade do Rio de Janeiro durante a transição do século XIX para o XX foi à fonte escolhida para discorrermos sobre essa cidade e suas transformações urbanas. Assim propomos uma análise dessa cidade a partir de algumas crônicas do poeta João do Rio, visto evidenciarem sua relação com as transformações do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. Através das suas perambulações pelos cenários esquecidos esse cronista ressuscita personagens que estavam submetidos a ficar de fora do novo palco que surgia na capital da República com a chegada da modernização.

Logo, o nosso interesse é analisar os grupos minoritários, que estão presentes nas ruas da nova cidade carioca, principalmente buscar compreender as suas ações sociais e a exclusão por parte da elite carioca entendendo que a modernização não afasta essa gente humilde dos centros urbanos, mas os grupos abastados são os principais responsáveis por querê-los distantes.

Buscamos discutir a socialização humana, que ocorre entre os sujeitos que habitam o espaço urbano recriado; momento em que as relações passaram a serem desenvolvidas nas "veias urbanas" de formas diretas e indiretamente, à medida que todos os grupos passaram a fragmentar-se. A discussão abordada no nosso trabalho é ampla e objetiva, pois traz um conjunto de informações que os espaços cidade nos oferecem através das leituras das crônicas de João do Rio.

O tema levou-nos a conhecer um espaço de sociabilidade fragmentado na cidade do Rio de Janeiro durante o final do século XIX, pois vários grupos formavam uma esfera que precisava ser compreendida, a partir das experiências cotidianas e das diversas ações corporativas presentes nas ruas.

A ascensão das cidades prossegue continuamente à medida que elas se embelezam e se modernizam, no entanto, é notável vermos ainda as culturas serem afetadas pelas mudanças que ocorreram nos espaços urbanos das cidades/capitais brasileiras e do mundo quando elas se modernizaram.

A obra que escolhemos para a realização deste trabalho traz a imbricação de revelar a relação do cronista com outro mundo que está submerso pelo florescimento da modernização, e esconde personagens que vivem na escuridão do esquecimento e foram revelados a partir do momento que João do Rio colocou-se à frente de “enaltecê-los” nas suas crônicas.

Além de mostrar o mundo esquecido pela sociedade elitista, o cronista nos convida a partir da sua obra compreender o processo modernizador que se deu na cidade carioca através das transformações urbanas e, como a modernização, o modernismo e a modernidade afetaram a vida do público que passou a vivenciar diante do novo cenário que se configurou as ruas do Rio de Janeiro.

A obra de João do Rio é constituída de textos literários cheios de duras críticas que despertam o interesse dos leitores diante do que propõe, pois denunciam as vidas miseráveis que muitas pessoas simples estavam submetidas, a falta de higiene que ameaçava surgir os surtos pandêmicos. As crônicas ainda evidenciaram as pequenas profissões ignoradas, mas necessárias. No novo cenário urbano, o cronista confronta-se com o materialismo e o humanismo, e nota que a cultura que se diz ser a potencialidade da condição humana está sufocada pela materialização da vida moderna.

Nesse sentido, buscamos mostrar nesse trabalho, o ambiente da cidade moderna que se configurava, ou pelo menos, deveria se configurar como um resultado proveitoso para todos. Mas não foi exatamente o que se apresentou diante das crônicas de João do Rio, por isso a importância das crônicas desse autor para a sociedade brasileira. Foi a partir das suas crônicas que ainda no final do século XIX, os cariocas conheceram a verdadeira face da cidade moderna que havia se tornado o Rio de Janeiro.

As crônicas sociais de João do Rio constituem um excelente material denunciador da exclusão dos grupos minoritários que até certo momento da história da capital carioca não estavam presentes nas ruas da cidade. Esse autor remete a

volta destes sujeitos, de modo que passaram a serem identificados nos centros urbanos da capital, de modo vigiado e de perto.

Para compreendermos melhor o assunto que o trabalho aborda em si, sobre as transformações urbanas e as relações dos sujeitos sociais, que estavam inseridos no novo espaço urbano que surgia no final do século XIX e início do século XX na capital do Rio de Janeiro, buscamos devidas respostas nos fundamentos dos estudos de alguns teóricos: Ana Carolina Escosteguy (2010), Raymond Williams (1973), Sandra Jatahy Pesavento (2004) e Edmund White (1940). Estes proporcionaram através de suas ideias, reflexão interdisciplinar sobre os grupos sociais da cidade do Rio de Janeiro diante das transformações urbanísticas ocorridas e que se fundamentaram na *Belle Époque*.

A partir das formulações teóricas desses autores, adentramos nas discussões que estão divididas em três capítulos. No primeiro discutimos o contexto fragmentado em que a história cultural interliga-se com a literatura, visto que estava em pleno andamento e renovação. Entretanto, discutimos a importância dos Estudos Culturais e da Antropologia, que estão presentes na formação do ser social perante aos novos e antigos hábitos sociais do espaço urbano, assim como traçamos um paralelo entre história cultural e as crônicas de João do Rio.

No segundo capítulo, discutimos os conceitos de modernização, modernidade e modernismo. Buscamos compreender o momento oportuno da chegada do processo da modernização na capital carioca com princípios europeu atribuídos a *Belle Époque*. Por fim o terceiro capítulo trazemos um circunscrito da biografia de João do Rio, de sua relação com a cidade do Rio de Janeiro e com as suas vastas ruas já reurbanizadas. Nesta ocasião destacamos além de sua vida pública, o seu fascínio pela cidade do Rio, as suas andanças e o seu olhar de *flaneur*.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA CULTURAL E A RELAÇÃO COM A LITERATURA

1.1 História e Literatura: um diálogo possível

Em termos gerais, pode-se dizer que a História Cultural, decifra a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. [...], contudo, o grande desafio para a História Cultural e a Literatura, implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção literária do real que não são os seus do presente (PESAVENTO, 2004,p.42).

Essa realidade é imprescindível, visto que nenhuma sociedade vive sem criar representações sobre o seu passado, até porque sem elas não seria possível os teóricos estudarem e pesquisarem os fatores que convergem a uma sociedade contemporânea ou antiga, visto que através do passado as sociedades contemporâneas passam a conhecer os seus costumes e o cotidiano.

Para uma sociedade se formar é preciso haver construções sociais, culturais e representativas, logo esses fatores servirão de imediato como os primeiros passos para as possíveis interpretações que levarão as pessoas a compreenderem de alguma forma, que para viver em grupos distintos uma sociedade, precisa estar ciente de que não se constrói relações culturais e históricas, sem uma determinada produção de diferentes conhecimentos. Para Pesavento, a História Cultural é mais do que uma evolução:

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a pergunta e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (PESAVENTO, 2004:58-59).

Portanto, a História Cultural está voltada para anexos que vão desde a investigação às indagações que penetram num contexto cultural marcado por transformações e formações de novos costumes e hábitos, de sociedades e a todo

instante desenvolvem novas maneiras de convivência e de encontros com outras realidades no espaço social. A história e a cultura estão a todo o momento presentes nas formações das civilizações, desta forma para haver cultura é preciso haver história e vice-versa.

O homem com seu potencial desenvolvimentista e criador consegue demonstrar sua capacidade de relacionar cultura e história numa perspectiva de que a antropologia será uma das motivações para entender tal relação, a qual se constitui necessária para sua sobrevivência em grupo com outros seres vivos da mesma espécie.

Logo, o que despertará no historiador motivos que o levará a pesquisar sobre o assunto de forma que historiciza conceitos recuperados do passado numa concepção que busca compreender de fato a interligação que há entre cultura, história e a antropologia é a representação do passado, desta forma faz sentido buscar nas experiências dos homens no passado entenderem a evolução que acarretou as diversas mudanças comportamentais. Mas, observando que cultura e história sempre caminham juntas num contexto que leva para sua formação. Nesse sentido, salientamos o método da descrição densa, fruto das intersecções de fronteiras da história com a antropologia:

Entretanto, os historiadores ao se utilizarem das propostas da Antropologia, historicizam esses conceitos, e o que buscam na recuperação das experiências dos homens no passado são exatamente as mudanças e permanências, as unidades e as diversidades de sentidos (PESAVENTO, 2004:11).

Nas buscas incansáveis que os historiadores, e outros estudiosos, acabaram mergulhando, foram de encontro com as experiências vividas por pessoas que mantinham uma relação heterogênea, pois cada grupo se distinguia por seus costumes numa perspectiva de mostrar que havia diferenças, uma vez que a cultura e a história seriam ambos diferentes, mas não se separavam. Isso mostra que por mais que as religiões, crenças e costumes de povos distintos sejam diferentes, de alguma forma estes sujeitos estão introduzidos na representação da história-cultural exposta e trazida através do discurso literário capaz de aprofundar os conhecimentos sobre uma realidade que talvez não a conheçamos.

Neste sentido a literatura se faz presente no mesmo contexto ideológico do conhecimento histórico, uma vez que produzida nos levará a compreender as realidades das experiências e o cotidiano do homem e da mulher nas sociedades do passado. A literatura adentra o contexto histórico produz um conhecimento do passado e assim remete o/a leitor/a uma possível investigação reveladora do desconhecido.

O olhar literário reproduz um conhecimento histórico, dentro de uma concepção que revela a cultura como chave de ligação literária com a investigação social através das experiências e transformações ocorridas num exato momento histórico, assim Hall e Turner dizem sobre o literário:

Ele mudou toda a base da discussão: de uma definição lítero-moral para uma definição antropológica da cultura. Mas definia a última agora como o "processo inteiro" por meio do qual os significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados, com a literatura e a arte como sendo apenas um tipo de comunicação social – especialmente privilegiado (HALL e TURNER, 1990, p.55, *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.140).

Assim, a história mostra através de análises literárias e investigação social, que é possível analisar nos romances as realidades e experiências, que diferentes sujeitos vivenciaram num determinado tempo e espaço e em sociedade. A investigação literária permite perceber as transformações do cotidiano mediante a urbanização nas áreas centrais das cidades, o que ocasionou ou não melhorias nas condições de vida das pessoas.

Sendo assim a mudança que ocorreu em um determinado momento e contexto social diversificado no que diz respeito à vida das pessoas tornou possível o desenvolvimento dos Estudos Culturais. Esses estudos abarcaram de forma concisa e precisa análises, pesquisas e investigações relevantes aos modos de convivência social onde eram prevalentes a relação cultura, literatura e história. Ao mesmo tempo incentivaram os estudos etnográficos de maneira que as análises e investigações foram buscar nas práticas de experiências e resistência dos grupos compreenderem seus mundos a partir de suas culturas.

Desta forma o desenvolvimento dos Estudos Culturais é possível, pois estão presentes numa conjuntura dos fatores que se fazem presente na sociedade, seriam eles a cultura, a história, a literatura, o conhecimento histórico e o principal que é a

representação simbólica. A representação está presente nos escritos literários, à medida que mostram outra realidade da cidade e da sociedade, e traz sobre elas uma simbologia significativa onde as massas humildes passam a ter espaço, de forma que fogem ao padrão da estética, mas enaltecem o significado da sua representação revelando toda uma simbologia traçada de uma realidade que não passa despercebida aos olhos do autor ao escrever um texto literário, registrando as características da cultura de um determinado povo.

Nessa concepção levar ao público através do texto escrito as representações e experiências passadas dos homens, a produção do conhecimento histórico desenvolve através da literatura um papel importante ao representar tudo aquilo que foi vivido, inventando de maneira cuidadosa. Desta feita, o conhecimento histórico quando produzido através da literatura traz outra realidade, que estava escondida, sem, no entanto, fugir o foco da literatura. Essa perspectiva de conhecimento histórico cria uma nova visão acerca da representação da realidade. Assim a literatura passa a interligar papéis protagonistas na desenvoltura de uma criação imediata de uma nova realidade onde mostra que através de romances e outros meios massivos de comunicação é capaz de fazer surgir uma nova ideia sobre uma realidade, reinventada.

Devido à produção de o conhecimento histórico depender intimamente da literatura e de outros textos vale salientar, que o contexto ao qual a obra foi produzida leva o escritor a desenvolver uma metodologia reflexiva e ficcional, pautada numa pretensão de verdades desenvolvidas num contexto que se transforma em relação ao espaço real, que também é transformado, o que incide em comportamentos e experiências dos grupos sociais numa verdade objetiva que marca a cultura e a história remetendo ao campo das representações. Acerca dessa questão Ana Carolina Escosteguy, ressalta que:

Com a extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas –, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas (ESCOSTEGUY, 2010, p.143).

Nesse sentido o primeiro deslocamento seria o que já foi dito sobre cultura e história e que estão presentes nos grupos sociais. As experiências e mudanças de comportamentos cotidianamente adquiridos são representadas de forma literária e produzidas a partir do conhecimento histórico, e dar-se ênfase aos dois lados da realidade. Ambos têm em comum as personagens, e nesse contexto demarcado pela história cultural a antropologia se faz presente a todo instante e passa a representar e a reinventar a realidade das experiências vividas por homens e mulheres. Assim no movimento que desenvolve, a antropologia passa a compor um papel específico que é o de buscar uma significação antropológica para as experiências humanas e nela se encontra dois passos distintos em busca de uma definição.

No que diz respeito à forma ampla, os dois passos estão envolvidos. Em primeiro lugar, o movimento (para dar-lhe uma especificação sintética) em direção a uma definição "antropológica" – como prática cultural; em segundo lugar, o movimento em direção a uma definição mais histórica de prática cultural –, questionando o significado antropológico e sua universalidade por meio dos conceitos de formação social, poder cultural, dominação e regulação, resistência e luta. Esses movimentos não excluem a análise de textos, mas tratam os como arquivos, descentrando seu status supostamente privilegiado – apenas um tipo de dado, entre outros (HALL, 1980, p.27, *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.144).

A antropologia está presente nesse movimento que vai do espaço social a intimidade do homem e da mulher, passando a analisar de forma cuidadosa toda sua formação de identidade baseada em princípios de representação enquanto sujeito produtor, formador e socializador de culturas, de histórias e conhecimentos.

Os estudiosos através de seus discursos e escritos literários trazem representações do passado para a sociedade contemporânea, numa perspectiva que passa a ser formadora de leitores capazes de vislumbrar através de histórias reais e fictícias os fatos expostos nas histórias de vida narradas pelas personagens. Nesse exercício o imaginário e o real são introduzidos nos textos literários produzidos, os quais dão sentido à produção literária, sobretudo, no que diz respeito às situações cotidianas das pessoas.

"A literatura possui espaço na cultura e na história, o que faz com que na análise das realidades haja o olhar do historiador ou de qualquer outro intelectual que se baseia nas análises literárias para buscar outras verdades sobre o que

analisa. Nessa busca consegue descobrir na leitura dos discursos literários as fontes contidas e ainda fornece novas pistas necessárias à reflexão e investigação do passado. Nesse sentido inventar ou criar uma obra fictícia mostrando outra realidade contida com outras experiências levará o público a questionar as contribuições desta para a compreensão de outra realidade de forma diferente, mas, que não está longe da verdade. Através da obra literária é possível o historiador mostrar como os sujeitos pensavam o mundo em meio às transformações e experiências vividas. A literatura permite-nos o acesso e o contato com os textos e discursos de forma que conseguimos através destes saber como as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, os seus valores, os sonhos e as relações sociocultural e histórica” (PESAVENTO, 2004, pp.80-81).

Desta feita, o historiador que trabalha com História e Literatura consegue perceber que as representações só foram possíveis por causa das relações de experiências trazidas por uma simbologia descritiva que remete ao espaço vivido pelo homem e pela mulher, e esse espaço é a cidade. Assim, a cidade é por excelência o palco das transformações, experiências e relações adversas ao homem e a mulher. Nele ambos se submetem a criar e transformar suas vidas. Assumem a condição de sujeitos na busca pelo o que melhor convém a sua sobrevivência.

Por outro lado a Literatura ocupa um papel relevante de harmonia com a História, determina a função de resgate do passado de um conjunto de indivíduos que tende a todo instante apresentar inquietações. Entretanto, em um determinado tempo que marca cada época histórica de cada sociedade formada em certo período, antecedendo toda uma temporalidade de perguntas e respostas que atravessam o passado, para o presente refletindo no futuro.

Pesavento (2004) destaca: “É a Literatura que opera como fonte de resposta para as perguntas que a História formula. Traçando a função documental que responde às questões formuladas pelo historiador. A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...], é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. [...], portanto o que conta para o historiador não é o tempo da

narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época” (PESAVENTO, 2004, p.82-83).

Para tanto percebemos que a Literatura está diretamente ligada a História. No qual é de suma importância para o uso do historiador em seus escritos, como também é relevante a História para criação do texto literário. Portanto, a Literatura se torna peculiar no resgate do passado de uma determinada época de uma sociedade e seus indivíduos, que passou por várias alterações sociais e físicas na estrutura.

1.2 A história cultural e as crônicas

Nessa concepção historiográfica as crônicas são fontes indispensáveis ao historiador cultural que deseja pensar sobre a cidade, visto a relação do cronista com esse espaço ser relevante, pois esse passa a ser um observador analista dos fatos cotidianos de uma cidade e dos seus personagens que se tornam para ele, literários de forma inventável ou realista, mas mostra uma representação da realidade que está estampada nas ruas das cidades.

A crônica se trata de um gênero textual curto que narra fatos cotidianos que foram ou são vivenciados por grupos sociais, em contrapartida se torna um gênero investigativo e denunciador dentro da literatura, a partir do momento que o cronista coloca jornalismo e literatura juntos em função de revelar as verdades e singularidades que o espaço social esconde. Sua origem grega deriva da palavra “*chronos*”, para tanto deixou de ser apenas um simples tipo de texto narrativo nas mãos dos cronistas contemporâneos, tornando-se um instrumento literário dentro da História (CANDIDO, 2003, p.89).

Segundo o professor e crítico literário Antônio Cândido (1980), em seu artigo “A vida ao rés-do-chão”:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo ela fica mais perto de nós. (...) Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada nas mais fantásticas formas que

possamos apreciar sua sólida forma literária dentro dos textos históricos (CANDIDO, 2003, p.89-99).

A principal característica que a crônica apresenta, além de ser um texto sintético, é a sua aproximação conectada com o leitor e o contexto onde foi produzida, em que contém uma linguagem narrativa direta e despreziosa que narra com precisão os fatos cotidianos, deixando de ser meio de publicação específico de jornais e passando a tornar textos literários em obras de grandes autores modernos, que descrevem com autoridade os movimentos corriqueiros das pessoas diante das disparidades que marca a passagem de um tempo para o outro.

A crônica do banal e do cotidiano expressou-se como o modo mais rápido de entender as mudanças. O gênero combinou a recuperação da tradição com a velocidade do novo tempo. [...] A crônica, sem ser irresponsável, conduz a um tipo específico de convivência de contrários (RODRIGUES, 2000, p. 23).

Assim as personagens presentes nas ruas da cidade se tornam para o cronista alvos de criações e são desenvolvidas nos textos literários, os quais retratam as realidades baseadas nos comportamentos culturais dos indivíduos que vivem em constante contraste com outras realidades que emergiram decorrentes das transformações ocasionadas no espaço urbano. Assim podemos correlacionar com o pensamento de Williams no qual afirma:

O contraste entre "cresce" e "é feito" viria a tornar-se o contraste entre o "orgânico" e o "mecânico", que se coloca no centro mesmo da tradição que se estende até nossos dias... Burke atacou a sociedade nova em termos de sua experiência (ou sua idealização) da sociedade anterior. [...] as amplas modificações crescentemente se manifestavam, a condenação tornou-se especializada e, em certo sentido, abstrata (WILLIAMS, 1969:59-60).

Dessa maneira a antropologia e os estudos culturais, assumem uma responsabilidade direta com os sujeitos que sofreram mudanças comportamentais na superfície da cidade. A cidade de Londres no século XVIII é exemplo disso, pois as modificações na paisagem e na sociedade, além do seu crescimento em ritmo acelerado chamaram a atenção de estudiosos que passaram a observá-la e ressaltar o contraste visível. Alguns intelectuais chegaram a criticar as formas de transformações, pois era difícil separar o novo do tradicional presente na mesma

cidade. Sobre essa questão, principalmente, o contraste de atitudes novas e velhas entre os sujeitos urbanos, Thomson (op. cit. 180) em "Autumn", diz: "Eis a vida que não conhece aquele que na cidade vive em culpa – a vida das épocas primaveras incorruptas" (WILLIAMS, 1973, p.242).

Na representação sobre a cidade o cronista assume um papel importante perante a expansão urbana, pois passa a ter uma preocupação profunda com as ruas e as personagens que nelas são esquecidos. Diante do contraste que se instala na cidade passa a enxergar de maneira óbvia as representações simbólicas e as ações cotidianas dos homens enquanto sujeitos mediadores de novas relações, o que é decorrente das mudanças no cenário urbano, onde são estabelecidos princípios por uma ordem social movida pelo desenvolvimento urbanístico capaz de impedir a aproximação entre as classes distintas. Desta forma os sujeitos são empurrados para uma desordem que compromete seu modo de viver em grupo, diante de uma sociedade transformada pelos novos hábitos comportamentais de uma ordem social que julga e denuncia os indivíduos considerados marginalizados por um processo monstruoso que se deu pelas transformações urbanas (WILLIAMS, 1973, p. 248).

Nas narrativas literárias a ideia do cronista é chamar a atenção do público e mostrar-lhe dois lados da realidade, os quais são diferentes, e trazem questões que acontecem dentro da formação social e cultural de determinado grupo. Portanto, numa visão complexa o cronista chega a compreender o estágio da formação social e busca nas suas concepções, criar uma imagem minuciosa e real, de forma concreta. Se baseando no perceptível e numa visão ampla da realidade contraditória, expõe os elementos que formam a cidade em meio à transformação urbanística sem deixar morrer os fatores da construção de uma sociedade.

Para o cronista não é difícil analisar uma cidade, pois nela se encontra fatores e elementos, que despertam a sua curiosidade enquanto leitor. A percepção que o cronista constrói sobre a cidade é variada de acordo com o seu olhar, cada um tem uma visão diferenciada acerca da mesma cidade, mas todos vão ao mesmo ponto crucial e constroem uma concepção recíproca, visto ser a literatura a principal chave para se mostrar os olhares sobre uma cidade, pois fora produzida em meio às experiências e expectativas, que envolvem o contexto sociocultural no qual o cronista está inserido para criar a crônica literária (WILLIAMS, 1973, p.244-245).

O cronista tem o poder de construir textos literários sólidos que dão vida e sentido, ao seu olhar sobre a cidade. Tucker em uma passagem escrita em 1783 sobre a cidade de Londres, disse:

A imagem do "monstro", do "tumor", seria usada repetidamente, à medida que Londres continuava a crescer. Mas as verdadeiras implicações da imagem nem sempre eram vistas com tanta clareza quanto Cobbett as viu (WILLIAMS, 1973, p. 248).

Nesse trecho podemos observar naturalmente que enquanto Tucker teve uma visão sobre o crescimento urbanístico de Londres, Cobbett teve outra visão em meio ao crescimento e a toda ordem de fatores que contribuíram para tal crescimento e consequências.

Nessa perspectiva o propósito do historiador cultural ao lidar com a literatura para analisar a cidade é mostrar suas diferentes paisagens, o que fez Raymond Williams com a cidade na sua obra *O Campo e a Cidade*. O objetivo desse autor é de nos levar a compreensão de que existem vários olhares sob a mesma cidade. Numa demonstração clara Williams faz várias referências a vários cronistas e revela-nos que a heterogeneidade, a variedade, a aglomeração e a movimentação aleatória, eram seus aspectos mais evidentes, especialmente quando vista de dentro (WILLIAMS, 1973, p.261).

No entanto a heterogeneidade que se encontra na cidade faz com que o indivíduo não consiga planejar um espaço cultural e nem participar na formulação dos valores culturais por serem passivos nas suas ações. Devemos planejar o que pode ser planejado, de acordo com a decisão comum. Mas no que diz respeito à cultura, a atitude certa será a que nos lembre de que uma cultura é, por essência, insuscetível de planejamento. Devemos assegurar os meios de vida e os meios para a comunidade constituir-se. Mas o que será a vivência, com base em tais meios, não pode conhecer e nem traduzir. A ideia de cultura apoia-se numa metáfora: O velar pelo crescimento natural. E é sem dúvida no crescimento, como fato e metáfora, que se deve colocar a ênfase final. Em nenhuma outra área é maior a necessidade de reinterpretação (WILLIAMS, 1969:343).

A visão dos vários cronistas que está na obra de Williams (1973), revela os olhares que estes mantiveram sobre a cidade de Londres numa perspectiva de

afloramento de seus conhecimentos baseados em meio às transformações porque passou essa cidade.

Cada cronista citado na obra de Williams designou de alguma forma seu papel de observador da cidade Londrina de forma reveladora em meio a seus fatores expressivos ligados a relação de sentimentos dentro da sociedade em formação. Isso se torna óbvio quando o cronista se aprofunda no sentido dos sentimentos da sociedade presente na perspectiva de Wordsworth que descreve a cidade de Londres em forma de,

Rio infindo de homens e coisas! [...]
[...] a dança rápida,
De formas, luz e cor; o insuportável.
Ruído; os que vão e vêm e passam,
Rosto após rosto (PRELUDE; op. cit. 259; 261, *apud* BRITTO, 2011, p.255).

O cronista na sua obra nos mostrar uma Londres que não tinha como ser captada ou vista de forma fácil num gesto retórico, pelo contrário e nos revela uma Londres heterogênea, onde a variedade, a movimentação e a aglomeração de pessoas eram perceptíveis aos olhos da época (WILLIAMS, 1973, p.261). A visão que se tem de dentro da cidade, é de que ela mantém relações que vão além das fronteiras que compete a sua solidificação como agente formador do homem e da mulher em meio às suas similaridades representativas.

O cronista revela que a relação com a cidade é flexível de maneira que a literatura embarca numa visão dada por meio do seu olhar que se envolve numa realidade espacial. Assim sendo o cronista mantém uma relação com a cidade em uma perspectiva reveladora da sua construção em determinado tempo e circunstância, onde o homem e a mulher têm como objetivo transformar suas vidas baseando-se numa alusão ao que será melhor para "si" diante dos relacionamentos desconhecidos e não reconhecidos (WILLIAMS, 1973, p. 263).

Assim, na perspectiva de mostrar a realidade através de textos literários o cronista mantém relação direta com a cidade, uma vez que se envolve completamente no seu contexto social ou da sociedade, dando sentido aos fatos visíveis e muitas vezes ocultos. Desta forma não se limita a manter uma relação profunda com a cidade, os fatores sociais que a liga e as personagens que estão introduzidos no seu contexto. O cronista se torna o principal portador da realidade da

cidade, pois joga seu olhar sobre ela, demonstrando que não pode haver uma única visão, mas várias que dramatizem na literatura uma continuidade reveladora do olhar expressivo de cada observador (WILLIAMS, 1973, p. 262).

Entretanto, o cronista mantém uma relação reveladora com a cidade, à medida que capta um cenário simbólico, onde a cultura, a história e o social que a compõe norteiam uma revelação imediata. Essa revelação está submetida nas suas visões, quando este se torna sujeito interlocutor e mantém uma relação de personagem indireto ou direto com realidade da cidade em meio aos contrastes visíveis, que serão descritos ou recriados nas crônicas literárias ou textos (WILLIAMS, 1973, p. 265-268).

A relação concreta do cronista com a cidade trará transposições de detalhes reveladores da cidade com seus personagens diante uma construção reveladora da realidade humana, essa seria a visão totalizadora do cronista, mostrar de forma consciente que a cidade mantém inúmeras relações com os diversos olhares voltados para ela. Assim o cronista desenvolve seu papel numa relação recíproca à medida que dramatiza e analisa sob um olhar revelador as mudanças na cidade de forma que estas são criadoras de novos princípios para se viver (WILLIAMS, 1973, p.270).

Para tanto, o homem numa tentativa de viver em paz com os demais de sua espécie passa a conviver diretamente com as mudanças ocorridas no seu espaço dividindo experiências construídas em dois espaços distintos campo/cidade, mas com realidades voltadas para um mesmo rumo à busca pela sobrevivência diante das mudanças que ele mesmo buscou e delas construiu um “novo mundo”. [...] os homens constroem seus próprios mundos, levando-os consigo em meio ao barulho e à multidão um novo modo de viver (WILLIAMS, 1973, p.273).

CAPÍTULO II

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO FINAL DO SÉCULO XIX: modernização e europeização

[...] para tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observamos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de mídia, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados; multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade. (BERMAN, 2007, p.28 *apud* MILAGRE JÚNIOR, 2013, p.1).

2.1 Os intelectuais e a cidade moderna: Paris um modelo a ser seguido

A citação acima da obra “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, resume o que analisaremos neste capítulo: a modernização que ocorreu nas cidades brasileiras, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Na época a França se tornou o principal modelo do processo de renovação urbana para os demais países do mundo, abraçando fortemente os enalces desse processo regenerador que modificou todas as estruturas da antiga capital Paris e as vidas dos seus cidadãos. Passando a despertar nos intelectuais do século a curiosidade de conhecer adentro os aspectos norteadores que surgiam com a chegada da modernização.

Para os estudiosos/intelectuais era um dever estudar o processo modernizador que havia tomado o centro parisiense a todo vapor, as ações de vários novos personagens perante a fragmentação da modernidade na nova cidade que havia se tornado Paris, era um convite para estes homens dotados de intelectualidade literária provinda do Iluminismo. Pois compreender a modernização seria um trabalho árduo e ao mesmo tempo prazeroso para os estudiosos que

tiveram contato com os aspectos inovador da *Belle Époque*¹ na França, pois esses doutores com seus conhecimentos filosófico e sociológico se valendo de duas linhas de pensamentos distintos buscaram entender o mesmo objetivo, o avanço modernizador/progressista e seus efeitos positivos e negativos perante a sociedade francesa moderna do século XIX.

Sendo assim mergulharam profundamente nas questões dos problemas e ações de ordem política, social e econômica, onde estes eixos seriam peças fundamentais para que as experiências históricas fossem interpretadas e analisadas pelos Annales e pelo marxismo. Uma vez que estas duas correntes contribuíram na compreensão dos comportamentos gerados pelos sujeitos sociais em meio à noção do progresso da modernização (GOHN, 2007; p. 2).

Uma cidade como Paris após suas transformações modernistas precisava ser enxergada com outros olhares a ponto de ser compreendida. Se antes a antiga capital vivia com diversos problemas sociais, agora estando moderna não seria diferente. O olhar intelectual movido por duas correntes de estudos de análises filosófico-sociológicas os Annales e o Marxismo impulsionou os estudiosos através da liberdade e segurança de interpretar tudo que havia e se formava diante do novo cenário que a França tinha se tornado após sua modernização numa grande cidade que precisava ser compreendida.

Pois na medida em que a capital parisiense se desenvolvia cada vez mais e se modernizava, os problemas sociais também aumentavam, o progresso atribuído pela modernização da cidade de Paris lhe rendeu bons resultados para torná-la numa grande cidade e servir como exemplo de civilização para o mundo, enquanto outros aspectos norteadores atingia em cheio um público rechaçado pela elite francesa, onde estes foram forçados a seguir de alguma forma o expansionismo do processo modernizador parisiense, que desafiava os conhecimentos dos intelectuais diante da metamorfose que ocorria na França.

A capital do luxo estava outra agora após as transformações urbanas, para que se preocupar com problemas que nada contribuía para seu desenvolvimento, já que havia se tornado uma grande capital moderna aos olhos do mundo assim

¹ *Belle Époque*, segundo Ortiz (1991), é o momento em que a França se torna uma sociedade moderna. Seria, esta, um refluxo de uma época, que, ao mesmo tempo, que trazia o fim de uma civilização, portava os germes da que, a partir dali, nascia a nova sociedade francesa. A ideia de uma Idade de Ouro só veio posteriormente, os que ali viviam não entendiam dessa forma, mas como um momento de declínio.

pensava a elite, o que estava em jogo era levar como exemplo o modelo civilizador de sofisticação e modernidade, para outros países e capitais. Paris queria mostrar para o mundo o que era ser uma capital moderna, penetrar no seu mundo e ter certeza de que podemos entender o que a tornou exemplo de modernização para as capitais/cidades dos outros países.

A capital das luzes conseguiu mostrar que era uma cidade moderna e tolerante diante das diferenças lhe rendendo assim a definição de cidade grande. Sobre a cidade de Paris White, afirma que: na Paris moderna você pode observar uma genuína tolerância para com outras raças e credos (WHITE, 1940, p.15).

Estaría esse autor nos falando que para ser moderno precisamos aceitar as diferenças sociais que existem nas ruas da cidade moderna? Sim. Pois Paris é o exemplo maior de civilização moderna que podemos nos lembrar, essa capital do luxo e da moda nos revela que a modernidade vai além dos princípios materiais, que encontramos nas suas ruas modernas. A modernidade que White (1940) nos revela está interligada as ações colaborativas que os vários sujeitos realizam continuamente diante da imensidão cultural e social, baseada em características de inclusão do ser social perante as novas expectativas deixadas pela modernização dentro do novo cenário que surgiu após as transformações.

2.2 A Cidade de Paris: inspiração para a modernização do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro foi uma das capitais que se inspirou no modelo de modernização parisiense durante o final do século XIX e início do século XX, onde o governo de Rodrigues Alves buscou copiar os aspectos das transformações urbanas europeia, tirando de cena tudo que era considerado velho e feio no centro da antiga capital. Para tanto, foram reformadas as ruas de maneira que deram vida nova às avenidas, as praças, aos parques etc. Toda a inovação na cidade carioca estava ligada e destinada, ao processo da modernização que se expandia voraz com suas tendências de modernizar o antigo espaço urbano da cidade, então todas as técnicas inovadoras de transformar tudo em novo surgia aos poucos com as modificações das pequenas avenidas e ruas estreitas, das praças antigas, dos parques e de tudo que fora considerado atrasado/arcaico, toda a restauração garantiu as elites o prazer diante dos ambientes renovados.

A presença europeia foi constante nos espaços renovados da cidade do Rio de Janeiro resultando num processo de aburguesamento como afirma Sevcenko (1990):

[...] o resultado mais concreto desse processo de aburguesamento intensivo da paisagem carioca foi a criação de um espaço público central na cidade completamente remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado, que se desejou garantir com exclusividade para o convívio dos 'argentários' (SEVCENKO, 1999, p.34).

A modernização não transformou somente os espaços urbanos antigos, mas o cotidiano daqueles que foram atraídos diretamente pelo seu espetacular processo modernizador, ou seja, a elite, este mesmo processo chegou e adentrou sem pedir permissão no mundo das minorias que se viram privadas no sentido de não poder compartilhar do seu desenvolvimento passando assim a sofrer com as alterações no espaço urbano demandados pelas renovações modernistas. A modernização está interligada aos desejos do homem de se tornar moderno e das suas ações evolutivas que colaboram nas transformações da vida do próprio sujeito diante do espaço, a partir daí ele compreendeu sua existência e sua evolução como sujeito socializador em análises, pesquisas e em outros estudos aprofundados, o que lhe proporcionou perspectivas para a exatidão dos fatos.

Acerca dessa questão Pesavento confirma que a evolução do homem perante a modernidade se tornou desejo de estudos de compreensão para os intelectuais ligados a Escola dos Annales e Marxismo. Então segundo ela:

Compreender a evolução do homem perante a modernidade em desenvolvimento durante os séculos XIX e XX foi uma das questões atribuída aos mentores das duas correntes citadas acima. Era preciso compreender e analisar os fatores atribuídos à modernização, para isso os Annales e os marxistas, se aprofundaram no seu mundo buscando verdades e exatidão. Esses fatores estavam ligados à cultura, aos movimentos sociais, aos conflitos, as lutas de classes, ao modo produtivo, ao capitalismo etc. Vendo que esses fatores passavam por transformações advindas do próprio homem moderno, os estudiosos fundamentados nos Annales e marxistas buscaram inovar essas categorias na estrutura sócio-política e econômica, a níveis da realidade que se encontrava a Europa (PESAVENTO, 2004, p.13).

Desta forma tudo que é sólido foi se desfazendo diante do avanço da modernidade, portanto podemos nos referir a mais um conceito deste processo em continuidade e de transformação. Como processo dinâmico avassalador que destrói o que é velho e dar espaço ao novo, a modernidade conseguiu gerar um turbilhão de processos importantes nos séculos XIX e XX, como as descobertas na ciência, a industrialização, a expansão urbana, os movimentos de massa, etc. Ou ainda podemos nos referir ao conceito de modernidade como termo do meio, que está entre modernização e modernismo segundo Anderson (1984).

Segundo Parreiras (2001), a modernidade é um movimento de industrialização, urbanização e expansão, fundado com o primado da razão, totalmente ligado ao processo capitalista.

Portanto, estaríamos nós certo de que a modernidade se desenvolveu a partir da sociedade capitalista que buscou na modernização o bem estar que é contínuo, produzindo transformações nas sociedades. Certamente ambos não se separam, pois a modernização conseguiu se transformar na modernidade. Todavia, o processo de modernização se baseia em diferentes sentidos nas cidades e países, esse “monstro” conseguiu se desenvolver de forma mesclada e atingiu diretamente o espaço transformando o meio urbano em todos os sentidos que possamos imaginar.

A modernidade surgiu do encaço deixado pela modernização, e poderia ser vista nos paradoxos modernos presentes nas ruas da nova cidade, a exemplo dos bares sofisticados, das modas, das boates, nos museus, nos hotéis luxuosos, nos músicos modernos e artistas de artes de ruas. A presença de várias raças de sujeitos sociais dava a entender que modernidade está nas expectativas dos sujeitos diante do novo cenário que surgiu com a modernização. A modernidade ainda está atribuída a toda influência experimentada pelo homem, pois este passara a ser fortemente influenciado pelo Iluminismo, o que deu sentido e razão ao seu ser para atuar sobre a natureza da sociedade em plena transformação social. Acerca dessa questão White (1940), revela a modernidade atribuída a vários aspectos do ser social presente nas ruas modernas de Paris através de uma plenitude racionalista desejada pelo sujeito que se reinventa perante os desejos de se tornar homem moderno.

Nesse sentido, destacamos os processos de modernização que passaram as cidades de Paris e do Rio de Janeiro; nelas as transformações urbanas foram

totalmente diferentes, vistos terem atendidos aos interesses internos de uma elite carioca que estava à frente do processo modernizador. Portanto,

[...] o que seria uma urbanização dentro do que foi apresentado no conceito de modernidade, degrada-se num arremedo de modernidade, corroborando a ideia de que esse 'espírito' tão do mundo europeu-capitalista encontra nas áreas periféricas seus limites estruturais intransponíveis, portanto inconclusos – apenas uma modernização (PARREIRAS, 2001, p.52).

As transformações urbanas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro durante o final do século XIX e início do século XX, foi sem sombras de dúvidas uma modernidade baseada nos princípios característicos europeus, mas se difere do processo inovador que se articulou na Europa neste período, uma vez que esse processo na capital carioca agradou somente a elite escravocrata que viu seu espaço se desmanchando e sentiu a necessidade de renovar-se para assim ter a garantia do seu fortalecimento social. Nesse sentido Pesavento, ressalta que:

A modernidade urbana é por si só, outra representação que introduz toda outra série de apreciações. Tradução sensível da renovação capitalista do mundo, a modernidade, enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um lócus, um verdadeiro personagem. [...] uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética (PESAVENTO, 2004, p.79).

Ou seja, as renovações feitas na cidade moderna foi uma maneira de satisfazer um público pequeno, direcionado diretamente para uma modernização que se caracterizou pelos costumes sofisticados, esquecendo que os costumes de um público majoritário estava em jogo também. Talvez o que caracterize esse processo de modernização é o fato de ter feito surgir novos grupos no meio social que trouxeram consigo seus símbolos de existência nas cidades do mundo todo.

No Brasil a cidade do Rio de Janeiro após as reformas urbanas passou a dispor um novo cenário aos vários personagens que surgiram em meio ao processo de modernização. Contudo o modernismo surgiu como um complemento da modernidade, uma vez que abriu espaço para os intelectuais mostrarem seus trabalhos modernistas, os quais retratavam a realidade dos novos personagens da cidade moderna.

O movimento modernista conseguiu através das artes representarem a cidade moderna e os seus recantos onde viviam as gentes “esquecidas”. Neste sentido o Rio de Janeiro passou a dispor de duas realidades diferentes, as quais passaram a ser expostas através das representações que incluía a construção da identidade de um povo.

Deste modo a cidade moderna após ser transformada em outro espaço criou um dicionário urbano para nomear e dar significados aos espaços e às gentes. Assim palavras novas foram construídas para designar e dar sentido a lugares e às materialidades da urbe, e também às identidades definidoras dos personagens urbanos (PESAVENTO, 2004, p.79).

Logo, expressões como modernidade e modernismo passaram a caracterizar as ações humanas, o que levou os intelectuais a defini-las e assim entender o que acontecera. Neste contexto Lefebvre no limiar do seu texto afirmou que por modernismo:

[...] nós compreendemos a consciência que tomaram de si mesmo as épocas e os períodos, as gerações sucessivas; o modernismo consiste, pois em fenômenos de consciência, em imagens e projeções em si, em exaltações feitas de muitas ilusões e de um pouco de perspicácia. O modernismo é um fato sociológico e ideológico. Enquanto por modernidade nós compreendemos ao contrário, uma reflexão principiante, um espaço mais ou menos adiantado de crítica e de autocrítica, numa tentativa de conhecimento. A modernidade difere do modernismo como um conceito em via de formulação, difere dos fenômenos sociais como uma reflexão diante dos fatos (LEFEBVRE, 1969, pp.4/275 *apud* REZENDE, 1993, p.9).

Lefebvre deixa claro o conceito de modernismo, pois se trata de um fato sociológico e ideológico, e está atribuído aos movimentos artísticos e literários de um grupo intelectual, que marcava a passagem do século XIX e início do século XX na Europa e no Brasil. Este movimento como ficou conhecido no mundo tinha como objetivo desconstruir o paradigma de uma estética artística voltada para o tradicionalismo arcaico que precisava ser renovado diante do surgimento de uma nova geração intelectual. No entanto, o modernismo no Brasil superou o que a sociedade brasileira não conseguiu, se afastando das características europeias. O modernismo brasileiro fugiu do tradicional modelo europeu e mostrou sua tendência

e gosto pelas artes que expressavam a autenticidade dos brasileiros em meio ao que fora considerado moderno. Diante desta afirmação Milagre Júnior e Fernandes (2013) afirmam que o modernismo se tratou de um movimento cultural que estivera presente dentro dos aspectos sociais da sociedade brasileira, por isso que se afastou dos princípios europeus renovando toda uma estética tradicionalista (MILAGRE JÚNIOR & FERNANDES, 2013, p.3).

A modernização conseguiu mexer diretamente com o imaginário urbano, uma vez que esse processo inseriu-se de maneira envolvente numa lucidez capaz de englobar e expulsar alguns do seu desenvolvimento, e torna-los figuras simbólicas capazes de se mostrarem que eram fortes suficientes para manobrar as ciladas da modernidade num espaço onde até então estavam inserido antes das transformações modernistas.

[...] O conceito de modernização proporcionou as autoridades governamentais usarem-no através dos projetos transformadores de incrementação da produção de bens e serviços num determinado tempo e espaço através das mais inovadoras ações. A modernização está ligada ainda a origem das grandes transformações econômicas e industriais, que ocorreram no século XVIII, e nela as personagens modernas precisaram de novos cenários urbanos (MILAGRE JUNIOR/ FERNANDES; 2013, pp. 3-6).

As personagens que surgiram na cidade moderna através do processo da modernização certamente ali já viviam então estes buscaram apenas nos novos aspectos urbano tentar se inserir de acordo com que os convinha perante o processo reurbanístico que estava acontecendo na capital carioca. No entanto, a cidade nova criou o seu tipo urbano voltado para uma classe elitizada que não queria dividir o espaço reurbanizado por toda uma estética de embelezamento, com uma classe miserável que numa roupagem variada tentou fazer parte da reurbanização e acabou se valendo de discursos e atitudes que excluem a minoria que já vivia na antiga cidade e passou a temer seu afastamento e ser esquecida (RIO, 2000, p.41). Sendo assim no decorrer deste trabalho nos pontuaremos em sequência, a se deter através do olhar do cronista João do Rio, apresentar os processos de transformação da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1850-1901.

2.3 O Cronista João do Rio e a Revelação de Outra Cidade

O cronista João do Rio nos apresenta, a forma como as minorias foram recepcionadas pela elite carioca diante do novo cenário espetacular que as ruas do Rio de Janeiro havia se tornado. As massas que incluíram os moradores de ruas, as prostitutas, os homossexuais, os tatuadores, os ciganos e entre outros sujeitos sociais todos foram pressionados e excluídos, por uma sociedade conservadora e por um estado contundente que virou as costas para esse povo sem demonstrar em nenhum momento tal preocupação com as vidas destas pessoas. O medo tomou conta das vidas das minorias que se viram ameaçada por um processo que andava de acordo com as atitudes tomadas pela sociedade hierárquica e que se valia do policiamento das autoridades. Mas o público menosprezado mesmo sendo tomado pelo medo conseguiu se mostrar capaz de lutar por seus direitos e pelo seu espaço de origem. A rua passou a ser lugar desse povo, pois não tinha como negar isso, um dia eles estiveram nela e dela sobreviviam, portanto seria injusto não retornarem ao seu espaço de origem.

A exclusão das minorias está atribuída à condição, que nasceu do gesto, da palavra e do olhar de quem passou a designar o outro. Ela se fez acompanhar da rejeição, do estigma e do preconceito, o que negou um lugar social de reconhecimento a este outro. Por outro lado os personagens “esquecidos” puderam experimentar processos reativos a esse fenômeno, articulando identidades próprias [...] (PESAVENTO, 2004, p.92).

Excluir um público formado por vários grupos que já viviam em determinado espaço não é fácil, uma vez que requer muitos esforços e motivos para poder fazer isso. Porém para a elite carioca e as autoridades governamentais não foi tão difícil conseguir motivos para fazer com que os grupos indesejados que viviam nas ruas ou em locais que não eram pra viverem perante aos olhos de uma classe hierárquica fossem marginalizados e postos perante a sociedade como mal feitores e precisavam ser afastados do centro da cidade.

No entanto, o afastamento direto dos grupos indesejados pela elite carioca dos seus lugares de origem ocasionou nas formações de novos setores de habitações ao redor da cidade renovada, pois os que haviam sido expulsos agora voltavam através de suas pequenas profissões que os tangiam para dentro daquilo que podemos dizer o mundo moderno da cidade do Rio de Janeiro.

João do Rio é sábio quando fala das minorias diante da nova cidade do Rio de Janeiro, uma vez que remete as profissões destes indivíduos diante do desenvolvimento socioeconômico da capital federal:

No entanto, desenvolveram vários tipos de profissões no meio social, marcando assim a presença de um povo que não ficara por fora da espetacular modernização da cidade do Rio de Janeiro, mesmo com os rechaços de uma elite preconceituosa. As personagens urbanas da cidade moderna foram astuciosamente capazes de sobreviverem através de suas ações honestas e desonestas, muitos queriam mudar suas vidas e não se preocupavam em pensar que o mundo moderno para eles talvez fosse uma utopia. As pequenas profissões da cidade moderna foram à garantia da sobrevivência das personagens emblemáticas do Rio de Janeiro e de Paris, as prostitutas, o malandro, os ciganos, os vagabundos, os tatuadores, os catadores de gatos etc. Todas essas profissões sem academia e ignoradas, que andavam na mais dolorosa academia da miséria, sem dúvidas foram elas que marcaram a presença direta dos personagens esquecidos da cidade moderna, acarretando a construção de várias identidades que fortaleceram assim a "inclusão" dessa minoria no novo espaço urbano carioca de forma construtiva e desafiadora, onde o belo foi de encontro ao feio (RIO, 2000, p.51).

A rua tomada por transformações modernas se tornou o recanto da construção imediata de personagens irreverentes, ou seja, a rua criou um tipo simbólico de espaço universal. Foi nesse espaço que o consentimento de liberdade foi dado a todos os grupos. Sem esse consentimento não seria possível à presença dos sábios, charlatões, vagabundos e espertos, a rua da cidade moderna fortaleceu e deu forças, para engrandecer os sentimentos de representações e simbolismo dos atores principais do processo transformador que assolou os recantos da cidade nova diariamente (RIO, 2000, p.45).

A rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que as preocupações maiores, as associadas a todas as outras ideias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e difamação – ideias gerais – até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares (RIO, 2000, p.39).

A rua se tornou para o homem moderno o espaço de construção de fatores culturais, sociais, políticos, econômicos, raciais e tudo que lhe convinha como fator construtivo para sua evolução enquanto indivíduo. Diante do que a rua moderna lhe

proporcionou, viver nesse ambiente renovado foi um desafio diante das suas progressões modernas, mas foi também se próprio desafiar para seguir enfrente numa certeza de que ela proporcionou tudo que é de bom e ruim. Os homens modernos enquanto sujeitos sociais aproveitaram tudo àquilo que a rua ofereceu diante dos seus desejos. Foi à rua que inspirou vários modernistas a retratar as realidades escondidas que havia na cidade moderna. Assim o modernismo se fez presente diante das figuras emblemáticas esquecidas que circulavam na mais desolação diante das recordações de uma cidade passada e que agora se encontrava renovada em todos os aspectos forjados e ganharam vida a partir das artes da literatura.

A literatura e a arte enquanto movimentos foram de suma importância para dar vida e sentido aos personagens dos sujeitos que foram submetidos ao esquecimento por serem considerados marginais diante dos olhos da sociedade hierarquizada. Essa questão Pesavento (2004) nos revela em meio às narrativas literárias providas da arte de criar através da ficção atrelada a uma realidade ocorrida no passado.

As personagens do mundo urbano que se alimentaram da vadiagem e das astúcias para sobreviver na selva de pedra passaram a ser o principal objeto de estudo de uma narrativa, que resgata seus emblemas e suas ações de agente contribuinte para uma sociedade que se aterrorizava com sua presença. Nas narrativas levava-se em consideração a ficção, mas esta, no entanto, está submetida a uma realidade que ocorreu no passado, é o caso das pessoas esquecidas em meio ao processo de reurbanização do Rio.

Esquecidos pelo processo de urbanização na cidade do Rio de Janeiro. A história consegue narrar através da ficção controlada a real situação das pessoas que foram diretamente atingidas pelo processo de regeneração que ocorreu no Rio com o projeto que ficou mais conhecido como "O Bota Baixo" (PESAVENTO, 2004, pp.50-53).

Nesse sentido a história é relevante porque o historiador é o profissional que consegue sair do mundo real e chegar ao mundo surreal através do imaginário. Nessa empreitada resgata os símbolos, emblemas e histórias de vida das personagens modernas que surgiram em meio às transformações urbanas. Para Berman,

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e, frequentemente, destruir comunidade, valores, vida e, ainda sentir compelido a enfrentar essas forças e lutar para mudar o seu mundo, transformando-o em nosso. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto as novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem na expectativa de criar e conservar algo mal, ainda quando tudo em volta se desfaz...para ser moderno é preciso ser anti moderno. Desde os tempos de Marx e Dostoievski até o nosso próprio tempo, tem sido impossível agarrar e envolver as potencialidades do nosso mundo moderno, sem a abominável luta contra algumas das suas realidades mais palpáveis (BERMAN, 1986, pp.13/218 *apud* REZENDE, 1993, pp.15-16).

A ideia de se tornar moderno esteve fixa na mente dos brasileiros, mas se para essa gente ser moderno era fugir das realidades se opondo ao que havia na cidade, então essa sociedade não soube ser moderna. Pois ser moderno é não se opor contra o que se constrói a partir de suas próprias ações sociais, é não se opor a presença de outros grupos formadores do espaço, é não lutar contra o que o progresso trouxe com a permissão dos sujeitos socializadores que desenvolveram estratégias para sobreviver de forma socializadora onde o espaço renovado pode ser um todo para todos diante das expectativas de desenvolvimento, isso é ser moderno diante das transformações modernizadoras.

Apesar dos momentos que a elite carioca viveu no espaço moderno esta classe negou, pois se opôs a existência de outros personagens que ajudaram nesse processo afastando-os possivelmente de qualquer participação colaboradora na formação social do espaço urbano carioca. " O que aconteceu foi que na busca de um novo modelo para manter o *status quo* a elite carioca levada pelo forte desejo de sofisticação e luxo, não entendeu o que era ser realmente moderno, não levou em conta que para ser moderno era preciso saber lidar e conviver com os diferentes grupos específicos que em geral foram percebidos como ilegítimos capazes de favorecer qualquer contribuição social" (WHITE, 1940.p.170).

A modernidade não foi somente uma explosão de coisas favoráveis a tais progressos perante a socialização das pessoas com a esfera política, econômica, social e cultural etc. A modernidade pode até ser perfeita em alguns sentidos, mas não foi o suficiente para lidar com as "minorias", não foi possível abraçar as várias profissões que muitos adquiriram com o seu surto de expansionismo modernizador

que buscaram viver de forma homogênea em uma sociedade que só se valia dos trabalhos destes “miseráveis”.

Segundo Aranha (2001) a ideia do conceito de modernidade está no espaço que se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu *rush* característico, e mais por ou outra novidade vinda do estrangeiro, a exemplo das que remetem á ideia de conforto e/ou rapidez e que passam ao imaginário como signos modernos por excelência (ARANHA, 2001, p.74). Ou ainda podemos entender a modernidade pelo discurso de Touraine (1994):

A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada. Não basta que estejam presentes as aplicações tecnológicas da ciência para que se fale de sociedade moderna. É preciso, além disso, que a atividade intelectual seja protegida das propagandas políticas ou das crenças religiosas, que impessoalidade das leis proteja contra o nepotismo, o clientelismo e a corrupção, que as administrações públicas e privadas não sejam instrumentos de um poder pessoal, que a vida pública e a vida privada sejam separadas, assim como devem ser as fronteiras privadas do orçamento do Estado ou das empresas (TOURAINÉ, 1994, p. 18).

A rua transformada se tornou palco de vários gêneros diante de um moderno espaço, abraçando desta forma as ações dos personagens da cidade moderna que se encontra em constante movimento numa busca justificativa para a realidade entre o antigo e o moderno (RIO, 2007, p.217).

A cidade moderna se revigorou com as transformações de suas ruas fazendo com que se tornasse um cenário de culturas, pois nela todos passaram a ter sua própria cultura individual ou coletiva. Segundo Bradbury,

A cidade se tornou cultura ou talvez o caos que se segue a ela. Sendo ela própria modernidade enquanto ação social, a cidade é, ao mesmo tempo, o centro da ordem social existente e a fronteira criadora de seu crescimento e transformação (BRADBURY, 1989, p.77 *apud* REZENDE, 1993, p.22).

A cidade do Rio de Janeiro passara a contar com um novo cenário urbano, sofisticado e luxuoso, porém toda a beleza era referente a um modelo europeu baseado nos projetos da reurbanização parisiense, que distanciava tudo que era velho para abrir portas para o novo. “Agora tudo se passava como se as mudanças estruturais da sociedade se refletissem no espaço urbano, que deveria se distanciar

das cidades vetustas do Antigo Regime, com suas ruas estreitas e tortuosas. Um novo modelo de modernidade urbanística se impôs, privilegiando as grandes vias, a circulação dos transportes e dos homens na cidade carioca. A reformulação do espaço urbano da capital federal não se restringiu e mergulhou no modelo de modernização e civilização da França” (ORTIZ, 1991, p. 21).

Toda reformulação feita nas ruas do Rio, fora voltada para o esquecimento de um passado pobre que precisava ser substituído com urgência e a modernização era a única que poderia fazer isso, renovar tudo que havia de ligação com o antigo regime, ou seja, seria uma reurbanização voltada para princípios franceses, deixando de lado todos os aspectos brasileiros em segundo plano. Tudo que era velho e lembrava o antigo regime era preciso ser destruído, era necessário renovar com princípios estéticos tudo que estavam presente no velho espaço incluindo os velhos hábitos vistos como imorais e nocivos. Isso incluía as pessoas que formavam a camada pobre e se encontrava fora dos padrões da estética estabelecida pelas autoridades perante o embelezamento da cidade e das ruas. Entretanto para o aprofundamento da interpretação dos escritos de João do Rio, nos recorreremos às leituras de Chalhoub, autor esse que se detém a pesquisar e escrever sobre o processo de derrubada dos cortiços e como também o processo de higienização na cidade do Rio de Janeiro, o qual foi possível entender e compreender o surgimento das favelas, tendo em vista que as derrubadas dos cortiços era para erradicar as epidemias que assolava a sociedade, mas é preciso elencar, que não se pensou na habitação salubre para essas pessoas que seriam desapropriadas de suas habitações no cortiços.

Essa pobre camada de indivíduos sem ter para onde ir começou a residir nas encostas de morros iniciando assim o processo de favelização que acabou se espalhando por toda cidade, passando a representar perigo constante no sentido literal mesmo. O diagnóstico de que os hábitos dos pobres eram nocivos de moralidade á sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de naturalmente, terrenos férteis a propagação de vícios de todos os tipos levou essa gente ser perseguida e humilhada pela elite e pelas autoridades políticas (CHALHOUB, 1996, p. 29).

Na obra *O Flaneur White* (1940), passeia pela cidade moderna de Paris, e mostra que é possível à harmonia entre o velho e o novo, o moderno e o antigo,

estes podem caminhar juntos numa mesma direção desde que nenhum destrua seu espaço natural. E nos revela ainda que tanto o feio como o belo podem ser tantos personagens diferentes e locais, podem ser apreciados pelo olhar do *flaneur*, “todos os bairros são normalmente lindos, atraentes e plenos de delícias insuspeitas no seu olhar vagante” [...] (WHITE, 1940, p.27).

A liberdade que o Flaneur encontra nas ruas da cidade moderna leva este ao encontro de um passado que agora está transformado com o processo da chegada da modernização, no entanto, ele não se deixa levar por um único olhar diante da magnificência do que se apresenta a sua frente nas ruas que perambula. Para White (1940), ser Flaneur numa capital como Paris é aceitar tudo que há de melhor e pior, diante da sua nobreza de cidade culturalmente moderna, é viajar diante dos seus recantos esquecidos e se deparar com diferentes personagens de outras etnias pelas ruas, pelos bares, pelos botecos, museus, cafés etc, é estar apegado ao que te faz ser moderno sem esquecer o passado. Ser Flaneur na cidade moderna que serviu de exemplo para o Rio de Janeiro, é ser egoísta com seu próprio corpo esquecendo-se de si, é viajar nas desilusões que a cidade te oferece, é se tornar personagem junto com aqueles que culturalmente e simbolicamente o próprio Flaneur deu vida nos seus textos revelando a figura do homem moderno diante da nova cidade e das realidades atribuídas a este espaço. Nesse sentido.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando há um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2004, p.15).

Nesse sentido o olhar do Flaneur nos mostra que a cidade estava cheia de diferentes culturas/identidades, que a cada momento sofreriam choques com as transformações sociais que ocorreram e que ainda poderiam ocorrer na contemporaneidade numa significativa construção representativa que dá sentido aos indivíduos quanto à realidade que se está vivendo. Assim.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência no meio social. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2004, p.39).

As representações, os emblemas, os personagens, as profissões e o desejo de ser moderno e de acompanhar a modernização fizeram os grupos se fragmentarem, mas por um instante a seguir o mesmo viés da modernidade. Esse segmento não está no sentido de obter os mesmos status na sociedade, o mesmo viés que todos os grupos seguem é de estarem inseridos num mesmo modelo renovador, o qual todos estão de forma indireta vivendo no mesmo espaço. Mas isso não quer dizer que a cidade se tornou homogênea, ao contrário as ruas modernas abriram portas para uma infinidade de atores com diferentes papéis na literatura da cidade moderna (PESAVENTO, 2004, p. 41).

Portanto, a realidade do mundo modernizado passou a ser fragmentada e seus personagens se tornaram os responsáveis por tal feito quando estes assumiram papéis de colaboradores nas relações sociais diante de suas próprias realidades convictas por tais representações dos seus mundos. A alteridade por sua vez se revelou perante o mundo moderno de forma desconstrutiva, nela a exclusão passou a ser condição de rebaixar os grupos que não caminhavam de acordo com a nova ordem social: ser moderno através da modernização e acompanhar a modernidade que prosseguia continuamente nos centros urbanos das cidades provocou a exclusão das minorias quanto seus conceitos valorativos e construtivos de uma identidade brasileira (PESAVENTO, 2004, p.43).

Dentro dessa lógica é possível olhar e observar, que o brasileiro seguiu a modernização, mas negou sua brasilidade, uma vez que se aperfeiçoou aos costumes europeus. Todavia a influência francesa despertou na sociedade carioca durante o século XIX e início do século XX o desejo de uma cidade aos modos franceses, o brasileiro abraçou a modernização europeia e negou a brasilidade da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido.

Abraçar a Civilização significou deixar para trás aquilo que muitos na elite carioca viam como um passado colonial atrasado, e condenar os aspectos raciais e culturais da realidade carioca que a elite associava aquele passado (NEEDEL, 1993, p.70).

Portanto podemos dizer que a “obsessão” pela europeização durante as reformas urbanas no Rio, se tornara a maior sensação que a modernidade pode trazer para toda elite carioca a ponto de levar esta a esquecer de condenar todo um passado colonial como se ele nunca tivesse existido demonstrando, assim um desapego e total desprezo ao que podia lembrar esse período infeliz considerado de atraso.

No entanto o processo modernizador não conseguiu reinventar as identidades dos personagens que faziam parte do espaço urbano do Rio de Janeiro nos cortiços, no subúrbio e nos becos escuros, uma vez que cada ator era dono do seu próprio papel, nele a irreverência das ações corporativas davam vidas às personagens de maneira direta e objetiva. As personagens da cidade moderna eram celebridades vagantes dos centros urbanos, eles deram valores universais numa eminência que suas profissões ignoradas eram diretamente impostas no meio social de forma precisa para uma construção favorável à modernidade na cidade nova (RIO, 2007, p. 52-53).

Os aspectos da modernidade europeia invadiram os espaços cariocas numa certeza de que iria inovar espaços, mas o que esse processo não imaginava era que modificar o comportamento de uma classe que já se fazia presente antes de sua chegada, não seria possível de forma imediata. Portanto, o processo modernista que chegou a todo vapor na capital federal, ou seja, na cidade do Rio de Janeiro, “conseguiu absolver e modificar aos poucos as vidas, somente de um público alvo o qual permitiu tal mudança nos seus comportamentos quanto sua identidade nacional”. Dessa maneira a classe que fora excluída do processo modernizador/europeu, continuou com suas identidades apesar das modificações que atingiu também seu cotidiano. Assim mostrou-se resistente ao contrário da elite que se deixou levar pelo deslumbramento europeu que chegara ao Brasil.

No entanto a cidade moderna foi remodelada de forma que passado e presente se refletem diante da modernização, nela o antigo e o moderno dividem os mesmos espaços, colocando em cena uma gama de antigas e novas representações [...] a transformação da cidade desencadeia uma luta representativa entre o progresso e a tradição: uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço tão desejado e sonhado, em função de uma ordem estética e higiênica (PESAVENTO, 2004, p.79).

O embelezamento da cidade moderna pode até lhe dar nova vida, destruindo o velho para criar o novo, mas não fora possível mudar seus atores que nela já moravam e ajudaram na sua construção anterior.

Os novos personagens que deram vida a cidade renovada desenvolveu na sociedade moderna um medo que se refletia no contraste visível das ruas da cidade, esse medo não pode ser negado aos olhos do Flaneur, pois é a prova das visões urbanísticas que vão desde o belo ao feio. O Flaneur vaga pelo gueto e por vários bairros proibidos e se encanta com as ações dos personagens que dão vida aos lugares de medo, o que importa para ele não é o espaço renovado, mas a presença de elementos que dão sentido aquele local para sua construção social (WHITE, 2001, p. 98).

As cidades após suas transformações se tornaram ponto de observação dos Flaneur, a cidade do Rio de Janeiro também teve o seu Flaneur, destacamos, por exemplo, João do Rio. Este Flaneur brasileiro caminhou nas ruas solitárias da cidade carioca após serem renovadas pelo processo de reurbanização, e se deparou com muitos personagens que deram cara aos novos espaços urbano.

A modernidade proporcionou ao Flaneur outros tipos de representação, fora as belas imagens vistas nas ruas da cidade moderna, ela levou esse andarilho a caminhar por vários locais escondidos onde uma parcela dos personagens surgiu no encontro com a realidade emblemática do contexto social.

Acerca dessa questão Pesavento (2004) ao se referir as representações diante da nova cidade que foi remodelada pela modernização diz que esta implicou em guardar ainda as memórias coletivas de um grupo que um dia esteve ali naquele local. Isso nos faz pensar nas minorias que foram obrigadas a deixarem seus espaços com a chegada da modernização na cidade do Rio de Janeiro. O espaço por sua vez sofreu modificações, mas as memórias coletivas dessa gente, no entanto, ficaram intactas assim como suas representações diante de uma realidade fragmentada.

Sendo assim o espaço moderno que se desenvolveu como modelo de sofisticação na cidade do Rio de Janeiro, se recusava reconhecer que sua construção partia de contrastes que davam fundamentos ao seu existir enquanto espaço representativo dos personagens ali encontrados. Contudo, a situação da cidade moderna não se resume a isso, e mais uma vez, ao nos conscientizarmos da nova realidade social da

cidade, precisamos ter o cuidado de não idealizar nem a velha nem a nova realidade apenas tentar compreender sua construção baseada em novos modos diante do modelo europeu de modernização (WILLIAMS, 2011, pp. 278-279).

Acerca dessa questão Milagre Júnior e Fernandes (2013), ao discutirem as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX salientam, que:

A arquitetura moderna construída no Rio de Janeiro mostrou todo desejo da elite carioca de excluir as massas populares no período do século XIX, muitos no início das belas transformações foram obrigados a deixarem seus territórios de origem. Mas isso não quis dizer que esses personagens menosprezados não voltariam para seus lugares, muitos construíram seus lares em outros locais, porém outros voltaram e fixaram-se novamente e se “alimentaram” do processo modernizador que revelou outra cidade. O forte desejo da elite carioca de modernizar a cidade do Rio e todo seu espaço urbano através de uma possível regeneração em meio a uma reurbanização, nem sempre foi possível. Ou seja, não foi possível reformular princípios culturais, emblemas, costumes, valores e os espaços dos personagens que sobreviveram ao processo modernizador, uma vez que estes foram responsáveis também pelo desenvolvimento urbanístico da capital do Rio de Janeiro no final do século XIX e em meados do século XX (MILAGRE JUNIOR/FERNANDES; 2013, p.13).

A afirmação dos autores na citação acima mostra claramente uma “obsessão”, por parte da elite em se tornar moderna, buscando de imediato renovar seu espaço urbano numa forma de assegurar o fortalecimento de um grupo dominante perante a um modelo renovador com princípios modernistas voltados para um estilo francês que se instala na sociedade mudando o cotidiano das pessoas. O mesmo seria usado pela elite carioca para excluir um grupo que não estava preparado para receber a novidade vinda do exterior o processo da *Belle Époque*. Neste grupo estavam aqueles que sobreviviam com os trabalhos ignorados e aqueles que habitavam em moradias impróprias.

A condição do espaço urbano renovado abriu um leque de problemas sociais, mas a elite carioca se negava aceitar que existiam tais fatores problemáticos diante das transformações urbanas realizadas, no entanto o único problema visto pela sociedade era a presença indesejável das classes pobres diante da nova cidade e de seus recantos renovados. O panorama de embelezamento que o Rio de

Janeiro havia ganhado era de total beleza e sofisticação, uma cidade civilizada se formara, onde a ordem da estética era crucial para a manutenção da sua regeneração numa esfera espacial negando a existência de outros sujeitos formadores de ações sociais.

O processo de modernização do país mostra não somente uma preocupação de revigorar o espaço urbano do Rio, mas de manter o status social de uma elite que se via aprisionada a um passado colonial e quer se libertara desse atraso. A oportunidade estava no processo modernizador que alcançado construiu uma aparência "civilizada" na sociedade, mas que na realidade ainda estava atrasada apesar das mudanças que haviam ocorrido.

CAPÍTULO III

JOÃO DO RIO: UM CRONISTA DA CIDADE MODERNA

A cidade do Rio de Janeiro no decorrer do século XIX, serviu de palco para uma das mais irreverentes figuras de flaneur brasileiro, qual seja João do Rio. Através de seus passeios por essa cidade ele buscou conhecer mais de perto a vida cotidiana dos indivíduos da capital da República.

Diante dos passeios realizados na cidade do Rio de Janeiro, despertou a curiosidade do seu olhar investigativo ao observar de perto as novas representações e paisagens que estavam surgindo no novo cenário dessa cidade; o que fora resultado das transformações urbanas. Esse homem de visão aguçada ficou conhecido devido a sua paixão pelas ruas da cidade.

3.1 Quem foi João do Rio?

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, era natural do Rio de Janeiro, nasceu em 05 de agosto de 1881, filho do professor de matemática Alfredo Coelho Barreto e de Florência Cristóvão dos Santos Barreto, uma mulata bastarda. A formação acadêmica de seu pai proporcionou ao menino João os primeiros contatos com os livros e cadernos. Isso influenciou, no seu futuro e na formação como escritor cronista e jornalista. De maneira que, veio a se tornar o primeiro homem a se interessar pela crônica social, estreou sua vida jornalística no jornal "Cidade do Rio" em 1899. Em 1915, fundou a "Revista Atlântica", e em 1920, "A Pátria". Em 1917, fundou também a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, tornando-se o primeiro presidente dessa entidade (RIO, 2007, p. 228).

A carreira de escritor ocorreu no contexto da modernização que estava acontecendo na Europa e repercutindo no Brasil na medida em que as renovações no espaço urbano e nos aspectos sociocultural da população foram implementadas através do processo modernizador denominado de *Belle Époque*.

Manter uma relação literária com a cidade foi uma das questões que esse cronista exerceu diante das categorias sociais e do preconceito que marcaram o cotidiano e as vidas das pessoas excluídas desse momento marcante na capital da República.

No entanto, João do Rio soube relacionar a história cultural e a literatura de forma objetiva, usando as crônicas como meio literário investigador e denunciador do contraste presente na cidade carioca, mas que se encontrava a margem do esquecimento da sociedade elitista, que fazia questão de esquecer tais problemáticas deixadas por um passado indesejável, que agora era necessário ser esquecido definitivamente.

Na concepção dos modernistas, as transformações urbanas apagariam o passado amargo que a sociedade carioca fazia questão de esquecer ainda que estivesse na memória. A perspectiva era reinventar o passado através de novas representações simbólicas decorrentes da modernização.

Tudo se transforma tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais doloroso a ironia, os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 2007, p.25).

João do Rio se refere às transformações urbanísticas de forma crítica, mas sem condenar a modernização, e ressalta os resultados que este processo deixara na sociedade, sobretudo, porque a nova paisagem urbana ocasionou novas representações da cidade que precisavam ser analisadas de forma reveladora. Enquanto as novas ações sociais, apesar das inovações urbanas recriaram o espaço, o amor dos indivíduos pela rua se tornou intacto e passou a ser um legado, pois era o que sustentava as representações emblemáticas que surgiram no novo espaço recriado através dos desejos humanos.

3.2 João do Rio e a outra face da Cidade Moderna: Que gente é essa?

Conhecer o novo espaço reformado a princípio foi, no entanto, desafiador, mas a admiração e a curiosidade de observar de perto as realidades dos miseráveis renderam aos cronistas novos escritos literários que revelaram a outra face da sociedade brasileira frente o progresso da modernização, o que foi alcançado por um grupo social que tinha a seu favor o capitalismo e a política aristocrática.

O fascínio pela observação virou um hábito de João do Rio, isso o levou a enxergar as formas da vida, e associa-la a ideia do flunar, ou seja, de “perambular” pelas ruas da cidade com inteligência. Essa perspectiva se constituiu uma atitude

despretensiosa, mas crítica, visto que reconheceu o jogo das relações que definiu a capital federal e tentou atuar sobre ela a partir do momento em que a conheceu por dentro, e a demonstrou e a entendeu intimamente (RODRIGUES, 2000, p.18).

O fascínio de observar a cidade mais de perto, de dentro para fora através de um olhar crítico e íntimo revelou para o cronista uma nova forma literária de descrever as realidades encontradas. Diante das massas populares que estavam submetidas ao preconceito e vivendo em um mundo sombrio.

Para João do Rio, observar os hábitos rotineiros das camadas pobres diante das ruas da cidade moderna lhe possibilitou relação recíproca de experiências. O jornal para o poeta precisava de renovação, assim como a cidade havia se renovado, a forma de noticiar e de escrever precisava ganhar novos padrões literário, foi exatamente isso que João do Rio fez; ele passou a publicar crônicas nos jornais numa forma de chamar atenção da sociedade carioca para os problemas que existiam na cidade e precisavam ser revelados.

João do Rio era um homem fascinado pela cidade, por isso, se mostrou capaz de entender e ser entendido por esse espaço e seus moradores. Buscou conhecer de perto todas as histórias miseráveis das camadas populares que havia no espaço urbano da capital carioca de forma inteligente e reconhecedora. Ele soube como ninguém venerar tudo que existia nas ruas da cidade moderna. Através do seu olhar de *flâneur*, conseguiu demonstrar o sentimento de paixão pela cidade diante dos seus encantos e desencantos, e mostrou-se ser um verdadeiro poeta/cronista, pois pesquisou de maneira delicada os comportamentos, hábitos, costumes e ações socializadoras das pessoas que encontravam nas suas andanças pelas ruas da cidade. A curiosidade de conhecer, o proibido e o perigoso, deram ao escritor coragem de penetrar num “mundo sombrio” das desilusões onde a dor e a alegria se faziam presente em momentos contraditórios (RODRIGUES, 2000, p.17).

No primeiro instante de sua dedicação a cidade o cronista admitiu uma relação literária que foi de encontro com as realidades descritas nos seus textos, no entanto a crônica passou a ser seu objeto de expressão crítica diante do que viu nas suas andanças pelo novo cenário da cidade. A relação literária permitida pelas ações dos sujeitos em torno dos aspectos norteadores da cidade moderna garantiu ao cronista liberdade universal e permitiu-lhe através dos escritos o surgimento da crítica direta diante das novas relações reinventadas pela modernização. Nessa

magnífica relação com a literatura, o poeta demonstrou todo seu apego às realidades e as categorias sociais, enfatizando a pobreza e o preconceito que as camadas populares estavam submetidas.

No decorrer de sua carreira, João do Rio demonstrou sentimentos de paixão pela cidade do Rio de Janeiro, numa admirável reciprocidade que conseguiu acessar as suas vias urbanas com liberdade. Nesse ambiente o poeta pesquisou as vidas dos indivíduos e passou a compreender o fundamento do homem como ser social na nova cidade. A partir de então foi capaz de se aventurar como um detetive em meio às pistas que o homem moderno deixou por onde passava.

João do Rio procurou pistas pela cidade, possíveis de entender a essência do homem da nova cidade. Decodificou, como ninguém, as linguagens e as imagens da nova urbe (RODRIGUES, 2000, p.24). A nova imagem da cidade lhe deu necessariamente o que ele precisava para compreender a sua imensidão de contrastes e a essência do homem moderno diante das novas representações que havia surgido.

A crítica feita à sociedade moderna através da crônica se tornou para ele a única forma de mostrar a importância das representações e símbolos, que marcariam a passagem do final do século XIX e início do século XX, diante do novo tempo que tangia as camadas populares para outros locais e para o suposto esquecimento forjado pela sociedade elitista.

A preocupação de João do Rio em retirar o "homem marginalizado" da escuridão, através do progresso modernizador levou-o a escrever uma obra em homenagem a cidade e a rua, e na qual aborda e mostra criticamente as almas subalternas que havia na cidade moderna e que estavam num mundo sombrio das desilusões que precisavam ser reveladas. Desta forma presenteou a cidade moderna e seus indivíduos com a mais realista das obras literária "A Alma Encantadora das Ruas (1908)". Essa obra contém várias crônicas que revelam as realidades de um mundo antagônico (RIO, 2007, p. 227).

A partir da literatura social e da história cultural João do Rio, através das crônicas descreve com audácia: a rua, pequenas profissões, as mariposas do luxo, os trabalhadores de estiva, o sono calmo e a musa das ruas. Através desses sujeitos são realizadas diversas revelações da cidade moderna aludindo às belezas

das ruas renovadas, a miséria enfatizada a todo instante diante do olhar do poeta e das representações simbólicas que lhe renderam narrativas históricas.

Segundo Calado (2008), a crônica em princípio refere-se às narrativas de fatos históricos registrados em ordem de sucessão; sua raiz etimológica advém de *chronikós*, termo que em grego relaciona-se ao tempo (*chronos*). Com o passar do tempo, o registro de fatos através de testemunhas diretos passou a incorporar elementos consideravelmente subjetivos do autor.

Nesse sentido, destaca-se Jean Froissant, cronista do século XIV que passou a buscar em suas viagens matérias-primas para seus escritos, mencionando problemas políticos e questões sociais.

Esse compromisso em registrar momentos históricos, mostrar as interfaces das relações entre classes sociais distintas e atuar como agente formador da opinião do leitor são características marcantes da crônica, e que acompanham esse gênero nas suas distintas fases ao longo dos séculos.
(CALADO, 2008, p.03).

No Brasil durante o fim do século XIX, João do Rio se destacou no gênero literário da crônica moderna na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse momento o poeta se dedicou a mostrar as realidades descritas em narrativas literárias, no qual descobriu que tudo que há a sua volta pode se tornar objeto de literatura, desde que incorporando a ficção representativa que está ligada ao real e que ganha vida e sentido a partir dos textos literários do cronista que descreve as histórias que o novo tempo oferece na cidade moderna. Passear pela cidade moderna em busca de respostas para entender as representações dos novos personagens que haviam surgido com a modernização sagrou João do Rio como cronista do seu tempo, pois nenhum outro escritor fez da crônica, objeto de estudo e analisou a nova rua e seus aspectos norteadores. Isso porque a literatura ofereceu-lhe um gênero literário, a crônica social que favoreceu o leitor novas leituras da *urbe* moderna.

As crônicas permitiu ao poeta liberdade para descrever exatamente toda singularidade, que havia presente na cidade carioca sob novas formas de ações emblemáticas, que os sujeitos desenvolveram na atmosfera urbana da capital em meio ao moderno que estava implantado no cotidiano das pessoas mexendo com o imaginário e com as relações sociais dos sujeitos, sob uma perspectiva de vida nova, o que marcou um novo ciclo cultural e histórico.

No que se referem as suas observações sobre a rua, o poeta destacou na crônica "A rua", o seu amor pelos encantos e desencantos que este ambiente socializador oferece a seus desejos particulares e a todos que tem o prazer de andar nas suas novas vias urbanas, de maneira que o passado só pode ser resgatado agora pela recriação literária do olhar do *flaneur*.

João do Rio revelou o amor que sentia pela rua como sentimento de natureza íntima, o que não seria revelado por ele se não julgasse, e razões não tivessem para expressar, este sentimento tão absoluto e exagerado que é partilhado por todos (RIO, 2007, p. 25).

No entanto, amor de João do Rio pela cidade não é partilhado por todos os cidadãos, uma vez que o sentimento de amor que o poeta coloca em praxe é o de que todos se sintam pertencente, ao ambiente urbano moderno e não tenha receio do que este espaço lhe oferece, porém não é assim. Alguns personagens desenvolvem outros sentimentos contrários ao do poeta diante da rua, o medo, por exemplo, é um sentimento de aversão ao espaço que a sociedade carioca demonstra diante das novas representações dos grupos sociais que surgiram com o novo tempo deixado pela modernização trazida da Europa. Mas João do Rio foi autêntico e mostrou para a sociedade que o medo da camada abastada pela rua era fruto do próprio egoísmo do homem moderno. Assim, esse poeta.

[...] revelou o "mundo das sombras", colocando em evidência aquilo que a modernização escondia [...]. A crônica do banal e do cotidiano expressou-se como o modo mais rápido de entender as mudanças que haviam ocorrido na urb moderna (RODRIGUES, 2000, p. 23).

As mudanças que ocorreram na cidade não foram somente na estrutura física das ruas, mas nos aspectos comportamental, cultural, político e social, o que revelou para o poeta o "mundo das sombras", no qual necessariamente precisava ser exposto ao exterior do "corpo urbano". O desejo de viver numa capital moderna rendeu aos seus indivíduos um preço caro a ser pago, no entanto ofereceu também boas aspirações diante do processo de modernidade, pois marcava os tempos de glória de uma sociedade que lutava para se livrar dos resquícios de outrora.

Diante disso a classe média se distanciou dos grupos minoritários que se tornaram vítimas da nova cidade e dos seus paradoxos; entender o estado

contraditório para o poeta foi exatamente traçar uma cartografia sociourbana das ruas do Rio de Janeiro, e demonstrar a visão contraditória frente o novo tempo de um passado histórico revelador, que estava interligado ao tempo presente em total andamento.

Portanto nos cabe entender as narrativas dos fatos abordados nas crônicas, uma vez que esse gênero se torna contraditório assim como o comportamento do poeta diante das realidades trazidas pela modernidade para as ruas da nova capital. O poeta conseguiu fazer o uso de dois discursos literários, que imagina uma cidade cosmopolita e lhe atribui elogios e qualidades, ao mesmo tempo traça fatores que a faz se tornar numa simples cidade moderna que ainda está se transformando em uma metrópole ao estilo de Paris.

Analisar as crônicas de João do Rio é confrontar sentimentos de ingenuidade, de ódio, tragicidade, ironia e amor, o que torna a obra deste literato densa e complexa. Lidar com esses sentimentos presentes nas crônicas nos faz entendermos que o poeta a todo o momento é levado por seus sentimentos, a se entregar aos afetos que as vidas miseráveis dos personagens lhe proporcionam diante das suas observações. Para o poeta a rua é mais do que um lugar social atribuído aos personagens que nela circulam. A rua é um fator da vida das cidades grandes, a rua tem alma!

[...]. A rua é o aplauso dos mediócrs, dos infelizes, dos miseráveis da arte de viver e como saber da vida desfrutar, mesmo submetidos a uma desordem social provocada pelo próprio homem. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humana (RIO, 2007, p.26-27).

A desordem social é referencial dos aspectos norteadores da modernização, porém o cronista ressalta que a rua é socialista e igualitária. Mas João do Rio revelou a rua que proporcionou ao homem moderno dois mundos diferentes, onde o novo tempo colocou o que era antigo em rebaixamento, em contra partida ambos se tornaram homogêneos.

Isso não quer dizer que a rua seja totalmente socialista e igualitária, até porque é nesse espaço que os grupos minoritários sofrem discriminações e são repudiados, quanto as suas ações socializadoras sendo elas os comportamentos, as

vestimentas, as expressões corporais como também o “falar”, o que torna perceptível o quanto o caminhar influencia na vida de cada indivíduo. .

3.3 João do Rio: cronista ou historiador da cidade?

João do Rio conseguiu inovar a literatura e a história cultural brasileira de forma diferente de outros autores que analisaram as cidades e suas representações simbólicas. Através das crônicas literárias o poeta carioca desenvolveu um trabalho espetacular que evidenciou o realismo por trás de uma ficção controlada e bem escrita com total veracidade sem fugir das observações realizadas que fazia em seus passeios diante da espetacular capital.

O Flaneur é ingênuo quase sempre. Para diante dos rolos, é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada vida, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio (RIO, 2007, p.29).

Flanar estava além de perambular pelas ruas da cidade. Para o cronista observar de perto realidades que jamais teriam sido expostas de forma clara e fatalista era o objetivo do seu olhar de flaneur diante das modificações urbanas. As novas representações culturais dos grupos sociais precisavam ser vivenciadas e recriadas pela literatura, objetivando culturalmente novos ensaios literários que acompanhasse o desenvolvimento da urbe carioca. Diante dessa perspectiva João do Rio desenvolveu seu trabalho literário.

As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o Flaneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia da observação... (RIO, 2007, p.29).

O Flaneur João do Rio, ao psicologar as vidas dos personagens em suas observações nas ruas do Rio de Janeiro, demonstrou um sentimento exclusivo pela cidade e os personagens que a formava, revelou preocupação não somente com as camadas sociais, mas com as histórias culturais da sociedade que estava aos

poucos se tornando cópia estrangeira, não bastassem às características físicas da cidade, a futilidade do desejo de copiar os comportamentos europeus e isso marcaria a formação do ser social brasileiro negando aos poucos a sua identidade.

Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas [...] A rua fatalmente cria o seu tipo urbano como a estrada criou o tipo social (RIO, 2007, p.36).

Assim é preciso ressaltar que o cronista em seus escritos é por vezes contraditório, ao que se referiu anteriormente à rua, quando escreveu que esse espaço é igualitário e socialista, no entanto vemos que a rua é responsável pela formação do ser social diante dos aspectos norteadores que se desenvolvem a partir dos comportamentos e do modo de vida que os personagens estão submetidos.

Então como pode haver igualdade na rua? A “igualdade” que é possível observar na obra do poeta refere-se à questão da transição de movimentos dos personagens por esse espaço, mesmo sob um olhar suspeito da sociedade conservadora do Rio. As ruas cariocas demonstravam características marcantes que as denominavam no final das contas revelando também o sujeito.

Mais uma vez nos deparamos com uma contradição do cronista diante das ruas do Rio de Janeiro, lembramos outra vez a questão da igualdade oferecida pelo espaço rua.

Literalmente não existe uniformidade, pois cada rua apresentava suas características marcantes que se aproximavam das ações dos indivíduos que nelas moravam, isso mostra que o sentimentalismo e a paixão pelas ruas da capital carioca levou o cronista João do Rio, em alguns momentos se deixar levar pela vivência e não pela observação.

A rua é responsável pela formação social do homem, sendo assim os costumes e o cotidiano de vários grupos sociais não podem ser iguais, desta forma as ruas nas obras de João do Rio se mostraram heterogêneas ao contrário do que ele ressaltava em sua contradição quando supõe uniformidade entre a população do Rio de Janeiro. Então não podemos concordar exatamente com o que o autor falou anteriormente sobre a rua e os seus princípios de igualdade e socialismo, já que nenhuns dos dois artefatos existiam para todos os grupos sociais.

Na literatura e na história cultural, a rua se tornou motivo de análises e pesquisa, diante das novas interpretações que haviam surgido nos novos espaços modernos. Com a chegada da modernização e com o processo da *belle époque* ambos se tornaram um só corpo inovador nas sociedades capitalistas, proporcionando a realização dos desejos dos grupos sociais que buscavam se restabelecer esteticamente através das modernas transformações.

Em "A musa das ruas", o cronista continua suas andanças que enaltece os encantos e desencantos das ruas, aqui ele revela que "a musa é igualitária, a musa-povo, [...], é a única sem pretensões que se renova como a própria vida" (RIO, 2007, p. 211).

A renovação posta pelo autor na citação anterior certamente refere-se as transformações que as ruas da cidade sofreu, não esquecendo que a própria vida do indivíduo também foi renovada com a chegada de novos parâmetros estéticos europeus. A convicção em afirmar que a musa é igualitária, podemos até concordar, mas ao mesmo tempo discordamos em partes do que o poeta fala. A musa desperta o desejo de igualdade nos seus personagens diante das representações que lhe são atribuídas, porém é a própria musa que desperta no homem o sofrimento e a amargura de viver nesse ambiente politicamente forjado por matrizes de ilusões com a chegada da modernidade levando uma parcela de grupos minoritários a acreditar nas mudanças de suas vidas.

A literatura nesse sentido toma com precisão os fatos que contestará a igualdade que a rua favorece aos sujeitos, no entanto a história cultural nos mostra que a suposta igualdade passa a ser controlada na medida em que o cronista a descreve.

No entanto, notamos que a igualdade que João do Rio coloca em destaque nas suas crônicas é contraditória levando-nos adentrar numa literatura complexa em meio aos aspectos positivos e negativos da modernidade que a cidade nos revela através dos movimentos dos personagens, por tanto estão presentes culturalmente dois mundos representativos ocasionando um dinamismo cultural e histórico.

A musa das ruas, literalmente se apresenta como mãe de todos e, no entanto, desperta a desigualdade nos seus filhos, evoluindo assim dois mundos

distintos que acabam por se chocar por um mesmo sentido o de saber sobreviver e como viver diante das metamorfoses que a cidade passou.

A literatura aqui faz o papel de resgatar histórico e cultural os símbolos que interligam os personagens aos mundos diferentes numa perspectiva reveladora de diversas realidades encontradas no espaço da nova urbe que se encontrava em total desenvolvimento urbanístico, e que se tornou uma cópia do estrangeirismo europeu. Isso levou o poeta ao desespero de ver sua amada se tornar um modelo fútil de um processo estético inovador que mostrou duas facetas para o cronista e a sociedade diante do crescimento urbano. “A musa das ruas revelou os poetas da calçada e a modinha, estes se tornaram símbolos literários, marcando o que havia de mais moderno com a chegada da *belle époque* na cidade carioca. A modinha era o soluço, era o gemido, era o riso, era o suspiro ardente da selva ardente” (RIO, 2007, p.214).

A modinha foi o gênero de música que marcou um tempo moderno na capital do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, assim como os poetas das calçadas que declamavam seus poemas demonstrando um sentimentalismo patriótico que chamava a atenção de quem passava pelas calçadas das ruas. O crescimento urbanístico da cidade chama a atenção não somente pelas transformações físicas, mas por se tornar um cenário criador de novos personagens literários que acabaram inseridos na obra de João do Rio.

É notório o crescimento da *urbe*, isso se deu devido ao fato da política capitalista que o governo estabeleceu para o desenvolvimento da cidade, diante das expectativas de tornar a capital em uma grande cidade aos olhos do mundo, para tanto adotou uma política de esquecimento e de exclusão, para com os “grupos marginalizados”, submetendo-os a procurar meios para sobreviver no monstro moderno que se tornou o Rio de Janeiro.

A rua para o poeta podia até representar uma musa que abraçava todos que nela vive, no entanto a mesma põe seus filhos em total desconfiança e abandono diante do moderno. Para os grupos marginalizados a urbe se tornou espaço de sofrimento e miséria, tirando de vez seu papel de vítima e atribuindo-a á um papel de vilã.

A história cultural frente às crônicas dialoga com a literatura e recupera papéis como estes que o poeta atribuiu a rua, aos personagens e as suas novas

representações. A crônica na literatura assume papel importante na compreensão do contraste que se instaurou em meio aos emblemas que o novo tempo revelou para o cronista moderno.

As crônicas evidenciam, o falso *glamour* do novo tempo que marcou o Rio de Janeiro e ironizavam, criando personagens fictícias que se movimentavam livremente pela *high-societ*, [...], personagens que ajudaram a desmascarar as ilusões (RODRIGUES, 2000, p.43).

O poeta atribuiu sua imaginação ao surreal e associou aos personagens reais que existiam nas ruas da cidade moderna, e revelou-os a partir da ficção literária que se tornou real a partir do momento em que se atreveu descrever a miséria que existe por trás do embelezamento que serve como capa para esconder o que a modernização realmente hesitou em revelar para a sociedade.

Enquanto poeta-cronista João do Rio reconheceu que o mundo moderno deixou de usar a criatividade como instrumento de mudança e caiu na imitação. [...] essas alterações, cada vez mais, provocaram o artificialismo [...] ocasionando a falta de movimento da consciência individual e indicador da alienação do homem moderno (RODRIGUES, 2000, p. 53).

A imitação que o poeta crítica é o modelo de modernização que foi submetido à cidade do Rio de Janeiro, enfatizando o artificialismo presente a todo instante na sociedade carioca, revelando ainda a alienação que essa gente se submeteu por desejos individualistas que os empurrou ao mundo das ilusões pragmáticas. No entanto, se não fosse esse desejo importuno que a sociedade carioca mantinha em se tornar moderna seguindo o modelo europeu, nada seria favorável aos escritos literários de João do Rio, e revelaria as facetas que a rua tinha e que estavam submersas.

A imitação, no caso do Rio de Janeiro, aparece, aos meus olhos, sob a forma do ridículo. Neste sentido, a imitação não constrói o futuro. Determina isto sim, o aparecimento de sentimentos que anulam o movimento de igualdade (RODRIGUES, 2000, p.63).

A imitação não garantiu o futuro da sociedade do Rio só contribuiu para aumentar a inexistência de igualdade, mas foi através da imitação de um modelo europeu moderno que a capital ingressou no mundo "moderno", onde o sentimento pelo novo tomou conta das pessoas. Encontramos esse sentimento de desejo pela

novidade na crônica “As mariposas do luxo”, são mulheres pobres que luxam através dos olhares penetrantes que só falta ultrapassar as vitrines das lojas sofisticadas com produtos europeus que desperta os seus desejos de possuir um dia.

São mulheres que se arrumavam de forma simples e limpa, sem deixar aparecer à miséria que as impregnavam. Saíam às ruas á procura de um companheiro que pudesse dar o que elas tanto desejavam. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio... Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada departamento de modas é o foco em torno do qual revira volteiam e anseiam as pobres mariposas (RIO, 2007. p.138 -139).

No entanto a observação feita pelo autor sob essas mulheres pobres que admiravam o luxo das vitrines, o cronista destaca que a rua não oferecia somente amor a essas criaturas provindas de pobreza, mas a liberdade de poder possuir através dos olhares os objetos luxuosos que estavam expostos nas montras.

Mesmo sabendo que não podiam possuir tais luxos essas mulheres tendiam todos os dias a admirar as vitrines. Essa crônica marca a triste vida de mulheres pobres que buscavam participar da modernidade, as coitadas não tinham culpa de serem miseráveis, eram apenas vítimas de um processo capitalista moderno que estava disfarçado por um deslumbrante processo sofisticado a princípios europeus. Essas mulheres certamente chegaram ao fim de suas vidas sem nunca saber o gozo do luxo além do triste gozo da miséria.

As mariposas do luxo traçam um caminho rotineiro que as fazem penetrar num cenário fantástico de sonhos diante das coisas ricas que os olhos brilham num desejo tentador de possuir tal esplendor que está por trás dos vidros.

“Quanta coisa! Quanta coisa rica! Elas vão para casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita – a mesma que hão de vestir amanhã... E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros” (RIO, 2007. p.140).

O desejo de possuir o esplendor do luxo das vitrines faziam essas mulheres tristes, esquecerem por instantes que eram pobres diante das riquezas que as lojas

lhes ofereciam por trás das vidraças. Mesmo sabendo que estavam num mundo ilusionário estas mulheres se abasteciam com os seus olhos de todo gozo oferecido pelo mundo utópico. Mesmo tristes ao voltar para o seu mundo real sombrio e se deparar com a mais miserável vida, as “mariposas” mantinham a alegria de poder mais um dia saborear com os olhos as delícias do luxo da *belle époque*.

As mariposas do luxo, assim como tantos outros personagens literários enfeitaram as ruas da capital carioca com as suas singelas características sociais perante o novo cenário atribuído a cidade. A crônica “Pequenas profissões”, marcou o surgimento de várias profissões no cotidiano das pessoas miseráveis, assim como as vidas das famílias abastadas da urbe moderna. Na crônica social de João do Rio, a primeira pequena profissão que é destacada é do cigano o modo esperto que este tem agindo para obter fins lucrativos através de vítimas fáceis que caíam na sua lábia.

Aquele cigano faz parte de um exército de infelizes, a quem as condições da vida ou do próprio temperamento, a fatalidade, enfim, arrasta muita gente. (RIO, 2007.p. 50).

João do Rio através da literatura destaca que os personagens que compõem as pequenas profissões, formavam um grande exército de miseráveis que estão submetidos a um mundo sombrio de sofrimentos atribuídos ao preconceito das elites. Mas notavelmente, essa mesma camada abastada não sabia viver sem esses pequenos profissionais, pois muitos necessitavam dos trabalhos destes personagens ignorados. A cidade do Rio estava cheia desses pequenos profissionais que faziam de tudo para ganhar a vida, eram muitas profissões algumas chamavam a atenção e eram bem esquisitas. As profissões ignoradas. Decerto não conheces os trapeiros sabidos, os apanha-rótulos, os selistas, os caçadores, as ledoras de *buena dicha*.

– Coitados! Andam todos na dolorosa academia da miséria, e vê tu, até nisso há vocações! [...] De todas essas pequenas profissões a mais rara e a mais pariense é a dos caçadores, que formam o sindicato dos gatoeiros e dos jardins. São os apanhadores de gatos para matar e levar aos *restaurants*, já sem pele, onde passam por coelho. (RIO, 2007, p.51).

Percebemos que a malandragem não estava presente somente em alguns desses profissionais marginalizados, mas na falta de honestidade dos donos dos estabelecimentos que compravam já sabendo, até isso o Rio de Janeiro copiou da França. Eram muitas profissões ignoradas vejamos algumas: os trapeiros, os apanhadores de papéis, caçadores de gatos, os lambeiros ambulantes, os selistas, os ratoeiros etc.

– Tu não conhecias as pequenas profissões do Rio. A vida de um pobre sujeito deu-te todos esses úteis conhecimentos. Mas, se esse pobre sujeito não fosse um malandro, não conhecerias da profissão até mesmo os barbantes (RIO, 2000, p.55).

A aceitação oficial das “profissões ignoradas” era concedida trânsito livre em toda a extensão da cidade. Parecia haver uma admissão tácita da sua utilidade e mesmo necessidade com relação aos setores diversos do comércio e da indústria local. Inclusive as autoridades públicas, sempre atentas e rigorosas, principalmente no núcleo central das grandes avenidas, mostravam-se tolerantes com os profissionais que exerciam certas atividades (SEVCENKO, 1999, p. 60-61).

Observamos que mesmo receosos com estes pequenos profissionais a sociedade abastada do Rio não vivia sem os seus serviços que eram prestados para suprir as necessidades que havia nas suas residências, comércios etc.

As pequenas profissões nos escritos literários de João do Rio ganham sentido e vida ao ponto de toda sociedade carioca saber a dura realidade dos pequenos profissionais condenados pelo espírito modernizador da modernização marcada por princípios europeus.

Assim muito diferentemente dos pequenos profissionais ignorados, os trabalhadores de estiva eram profissionais que levavam também uma vida miserável de ganho com trabalhos pesados. João do Rio destaca na crônica “Os trabalhadores de estiva”, o duro trabalho realizado braçalmente por homens que acordavam cedo e se destinavam para o cais a descarregar navios que chegavam com os serviços de carga.

Às cinco da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos mal dormidos à beira dos quiosques. Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva e, naquela confusão, via-os vir chegando a

balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos. [...], Durante a última greve, um delegado de polícia dissera-me: - São criaturas ferozes! [...]. (RIO, 2007, p. 143).

Claramente notamos na citação que esses pobres homens acordavam cedo antes dos primeiros raios do sol e destinavam-se ao cais à espera de navios cargueiros. Muitos deles levavam debaixo dos seus braços suas marmitas que continha seu almoço e por lá passavam o dia ou semanas longe das famílias. Além do sofrimento miserável que eram submetidos estes pobres homens sofriam com a distância dos seus familiares, alguns sabiam acabar seus sentimentos de solidão nos braços das prostitutas.

Mas nós avistávamos outro cais com um armazém ao fundo. À beira desse cais, saveiros enormes esperavam mercadorias; e, em cima, formando um círculo ininterrupto, homens de braços nus saíam a correr de dentro da casa, atiravam o saco no saveiro, davam a volta à disparada, tornavam a sair a galope com outro saco sem cessar, contínuos como a correia de uma grande máquina. (RIO, 2007, p. 144-145).

O cronista observava a rapidez daqueles pobres homens e por um instante comparava-os como uma máquina, que funcionava instantaneamente a todo vapor sem parar. O árduo trabalho dos estivadores é comparado pelo poeta ao dos operários das fábricas que trabalhavam muito e levavam uma vida miserável, e que somente através de greves conseguiam alguma coisa dos patrões.

“A greve, o senhor acha que não fizemos bem na greve? Eram nove horas de trabalho. De toda a parte do mundo os embarcações diziam que trabalho da estiva era só de sete! Fizemos mal? Pois ainda não temos o que desejamos” (RIO, 2007, p. 147). Percebemos na citação o discurso denunciador do cronista diante da triste realidade dos estivadores, ao mesmo tempo observamos que este mesmo discurso é válido para a questão operária que vinha enfrentando através de greves também os abusos trabalhistas dos seus patrões. Assim os estivadores e os operários buscaram resistências nas greves contra a exploração capitalista.

Acerca dessa questão, Rago (2014), se reporta as formas de resistências: as inúmeras formas de luta desencadeadas dentro e fora dos muros da fábrica, durante as duas décadas iniciais do século XX, atestam a recusa operária a se submeter às exigências da exploração capitalista [...]. (RAGO, 2014, p. 33).

A referência feita na citação sobre a forma de luta pelos operários é explorada também pelos estivadores, o que diferencia ambos os espaços onde ocorrem as greves, uma é a beira mar no cais a outra é na fábrica. No entanto, o que leva esses dois grupos a se tornarem parecidos são as formas de lutas que estão presentes nas greves trabalhistas que reivindicavam o fim da exploração dos patrões.

A partir das crônicas sociais de João do Rio, é possível que a vida miserável dos trabalhadores de estiva se torne um assunto explorado nos jornais da capital carioca, marcando uma cultura abastada que se negava acreditar que os problemas sociais existiam diante da nova forma da organização produtiva capitalista advinda da modernização que penetrou nas “veias urbanas da cidade moderna”. As crônicas de João do Rio representa de forma sólida a triste realidade dos estivadores e de outros trabalhadores que se encontravam na mesma situação de exploração de um terrível sistema trabalhista pulsionado pelo capitalismo.

A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social (PESAVENTO, 2004, p. 41). Para tanto foi o que exatamente fez o poeta carioca, através da literatura conseguiu representar a realidade através de escritos realistas a dura e miserável labuta dos estivadores nos cais. Legitimou na história cultural da cidade moderna do Rio, a presença dos personagens de forma literária que jamais poderia ser esquecida pela sociedade. Reconhecimento não era o bastante para esses pobres homens, era necessário serem representados de alguma forma para serem notados pela sociedade, e as crônicas foram bastantes úteis para conseguir recriar de forma representativa a realidade do trabalho braçal dos estivadores e dos operários nas fábricas.

As crônicas sociais de João do Rio evidenciaram muitas realidades tristes que estavam escondidas nas sombras da modernização, a mais lamentável foi a miséria/pobreza que marcava as vidas daqueles personagens menosprezados pela sociedade. A literatura coloca esses personagens num contexto necessariamente participativo, onde a presença minoritária de grupos marginalizados são formalmente representados por suas ações corporativas no meio social, levando o escritor resgatar e fortalecer culturalmente os símbolos e a figura do homem marginalizado.

A miséria nas crônicas do poeta João do Rio, marcou um período fajuto de belezas, riquezas e transformações urbanas na capital do Rio de Janeiro no final do século XX. "Outros fatores sociais são expostos nas crônicas, mas a pobreza, o sofrimento, a tristeza dos indivíduos de não possuir o que desejava certamente foi o que mais comoveu os sentimentos do *flaneur* em suas andanças pelas ruas e calçadas da cidade. Na crônica "Sono Calmo", o poeta deixou claramente revelada a miséria que tecia na sombra da noite por essa misteriosa cidade" (RIO, 2007, p. 155).

A miséria que é exposta na crônica "Sono Calmo", é vigiada de perto pelos agentes e pelo delegado que organizava vistorias nos antigos prédios que serviam de alojamentos para muitos miseráveis que não tinham para onde ir, numa pretensão de ridicularizar aquelas pessoas que viviam na extrema vida desumana nos covis como era chamado o ambiente que habitavam os indivíduos pobres, eram realizadas vistorias que acabavam em canalha pelos funcionários, o poeta João do Rio certa vez participou de uma dessas visitas vistoriadas á convite de um delegado, e presenciou de perto o mais perverso mundo da pobreza humana.

Começamos a ver o rés-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam de beíço aberto, babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. Uns cobriam-se até o pescoço. Outros espapaçavam-se completamente nus. [...] os agentes chegavam à vela bem perto das caras, passavam a luz por baixo das camas, sacudiam os homens do pesado dormir. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quase a roncar outra vez, a razão por que estavam ali, lamentavelmente (RIO, 2007, p. 158).

O cronista havia penetrado no mundo mais infeliz que já conhecera na cidade moderna, seus sentimentos se misturavam em algum momento sentia pena daquela gente jogada ao relento e ao mesmo tempo explodia uma raiva de saber que aquele descaso com aquelas pobres pessoas era fruto de uma política privada extremamente voltada para os interesses particulares de uma elite que tinha o governo a seu favor.

As visitas nos covis como eram conhecidos os antigos prédios que serviam de moradas para os miseráveis, deram ao escritor João do Rio motivos para descrever as facetas da miséria e de mostrar que todos que viviam naquela situação

lamentável não eram culpados todos eram vítimas de um processo inovador que não havia atingido tal propósito desejado como poderia ser. Por outro lado o poeta consegue revelar nos seus escritos de forma literária a presença de vários personagens que passam a fazer parte da história cultural da cidade do Rio que passam exercer relações sociais mesmo sob um olhar suspeito, sob vigilância e perseguições, estes personagens marginalizados conseguem aos poucos ganhar espaços na cidade moderna.

Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da policia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade (RIO, 2007. p. 160).

Na medida em que esses grupos cresceram o medo e a desconfiança tomou conta das “pessoas civilizadas”, assim como tomou conta das ruas da cidade. Mas o que mais podia assustar a todos se tornava invisível aos olhos da sociedade escravocrata do Rio. A miséria preencheu os espaços da cidade moderna e se juntou ao embelezamento que havia sido lhe dado, se misturaram passado e presente. Observamos que os grupos marginalizados foram perseguidos por motivos da questão de higiene diante da nova cidade que havia se tornado o Rio de Janeiro, no entanto podemos notar que essa preocupação aconteceu a partir do crescimento dos indivíduos dos grupos marginalizados, incluindo até mesmo alguns profissionais das pequenas profissões ignoradas. Portanto, o autor deixa em evidência uma afirmação em sua obra, e destaca que essa gente pobre era aceitável de certa forma no meio social e ao mesmo tempo coloca em destaque que eram perseguidos.

João do Rio soube ser diferente dos outros cronistas, mostrou-se capaz de dar vida aos mínimos detalhes dos personagens urbanos que havia nas ruas, nas esquinas, nas calçadas e nas praças da *urb*. O “refúgio dos malfeitores” despertou no *flaneur* o sentimento mais valioso que ele tinha; o dom de recriar a realidade através da literatura. Dos elementos extraídos dos grupos marginalizados resgatou várias representações simbólicas de culturas que estavam nas sombras do esquecimento. A visita do poeta continuou ao mundo da escassez:

Os agentes abriam caminho, acordando a canalha com a ponta dos cacetes. Eu tapava o nariz. A atmosfera sufocava. Mais um pavimento e arrebentáramos. Parecia que todas as respirações subiam, envenenando as escadas e o cheiro, o fedor, um fedor fulminante, impregnava-se nas nossas próprias mãos, desprendia-se

das paredes, do assoalho carcomido, do teto, dos corpos sem limpeza (RIO, 2007, p.159).

Como não estava acostumada a situação que se deparava, o poeta demonstra seu lado de ser humano de forma repugnante, mas o desejo de conhecer mais de perto a vida daquela pobre gente era mais forte do que qualquer sentimento de repugnância. O seu lado de escritor literato era mais forte do que o mau cheiro que exalava no prédio velho, o desejo de escrever sobre aquela imoralidade social escondida nos bastidores da bela cidade reurbanizada e embelezada, era o suficiente para acordar a sociedade de um sonho utópico.

Mas João do Rio achava que havia visto de tudo no covil, foi quando o doutor delegado teve uma última ideia – a visão de uma cena ainda mais cruel que a miséria revelava nos centros urbanos.

– Vamos ver os fundos! Foi aí então que vimos o sofrer inconsciente e o último grau da miséria. O hospedeiro torpe dizia que por ali dormiam alguns de favor, mas pelo corredor estreito, em derredor da sentina, no trecho do quintal, cheio de trapos e de lama, nas lajes, os mendigos, faces escaveiradas e sujas, acordavam num clamor erguendo as mãos para o ar. E de tal forma a treva se ligava a esses espectros da vida que o quadro parecia formar um todo homogêneo e irreal (RIO, 2007, p. 160).

Estar de frente com figuras emblemáticas que representavam a mais perversa realidade da pobreza urbana tornou um desafio grande para o *flaneur* carioca, não se tratava apenas de figuras representativas de um problema social, mas de pessoas que tinham se tornado pobres vítimas de um sistema econômico, político e modernizador que mudara toda a estrutura física da capital e da sociedade brasileira. Na verdade o sistema que reinventou a capital buscou favorecer os desejos da elite e do governo do estado.

A mendicância é a exploração mais regular, mais tranquila desta cidade. Pedir, exclusivamente pedir, sem ambição aparente e sem vergonha, assim à beira da estrada da vida, parece o mais rendoso ofício de quantos tenham aparecido; e a própria miséria, no que ela tem de doloroso e de pungente, sofre com a exploração (RIO, 2007, p. 162).

Para o autor a mendicidade era a face mais perversa da miséria, em que uma sociedade que se dizia ser moderna colocava-se a frente da situação de forma condenativa sem buscar entender o seu surgimento ou talvez fingisse que não entendia o porquê do aparecimento dos mendigos. A sociedade carioca só mantinha uma preocupação, a de manter a mendicidade longe do centro urbano, porém isso era difícil, pois o grupo desses personagens crescia juntamente com o desenvolvimento da nova cidade. A miséria já estava impregnada nas vias das ruas da nova *urb*, não havia mais como esconder o problema que tinha se tornado a mendicidade, não adiantava mais distanciar essa gente, a presença dos mendigos mostrava o lado triste da modernidade da capital.

A mendicidade havia se tornado uma exploração caçada e não mais regular em certo momento, pois as pobres criaturas começavam a serem perseguidos pela polícia, que por uma ordem de estética deviam sumir do centro da cidade e das ruas. Mas foi a partir das crônicas sociais que esses personagens ganharam uma notória representação literária, passaram a serem reconhecidos de certa forma na história cultural. A produção literária de João do Rio abriu as portas do campo da literatura para muitos personagens serem resgatados a partir dos seus escritos realistas que descreviam e narravam as vidas, os costumes, o cotidiano e as relações sociais etc, dos vários grupos sociais.

A França serviu muito bem de exemplo de sofisticação e de modernidade, para o desenvolvimento da nova capital que se tornou o Rio de Janeiro, no entanto tudo isso não passou apenas de uma utopia para o Brasil, pelo simples fato de que o modelo urbanístico não conseguiu trazer as mesmas expectativas que havia conseguido na Europa.

A obsessão por um mundo moderno que apagasse as lembranças de uma sociedade escravocrata não foi o bastante para chegar a um resultado esperado pela sociedade carioca que tinha o desejo de se tornar uma capital cosmopolita. O que foi deixado pela cópia do modelo europeu no Rio foi uma bela arquitetura construída e moderna, além de revelar uma fachada civilizada, mas que por trás de tudo isso estava escondida uma sociedade fajuta e atrasada, sem falar dos problemas sociais que estavam escondidos nas sombras da modernização para que o mundo não soubesse.

As crônicas de João do Rio, foram responsáveis por trazer á tona o que estava por debaixo do tapete do processo da *belle époque* a transição de cultura que marcou as vidas das pessoas na antiga capital federativa. Não descartamos os outros escritores que também já haviam mostrado seus trabalhos literários descrevendo a capital carioca e os seus aspectos urbanos, mas o que nos faz destacar o cronista e poeta João do Rio é a sua ousadia de enfrentar a sociedade, os governantes e os seus inimigos, para escrever os fatos que marcaram duramente o final do século XIX e início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho não é fácil, devido à complexidade que apresenta a sua escrita, mas que foram relevantes e empoderaram as abordagens e discussões escrita ao longo deste.

Assim o nosso trabalho teve como objetivo, mostrar a preocupação do cronista com as massas populares diante da cidade renovada, assumindo a responsabilidade de manter viva a cultura, os costumes e os hábitos de indivíduos que se encontram na zona do esquecimento da cidade nova. Mas, acabaram sendo lembrados a partir do momento que se lançam nas ruas, para mostrar que apesar de terem sido forçados a saírem dos seus lugares de origem por um processo avassalador que se desenvolveu nos princípios modernistas europeu, as camadas populares mostraram que são capazes de sobreviver a esse “monstro” chamado modernização, mesmo diante da miséria, conseguiram desenvolver ações colaborativas para o desenvolvimento urbano e social.

Para tanto, ao longo da pesquisa, foi possível perceber que o cronista em seu trabalho literário “A Alma Encantadora das Ruas”, dedicou-se especificamente a cidade/rua e aos grupos populares, e assim introduziu “as minorias” na cidade moderna. O que nos possibilitou conhecer através das crônicas que estão inseridas nessa obra citada acima, o sentimento apaixonante do autor através de uma sincera relação com a cidade, o qual a sua vida é propositalmente levada a mergulhar nos seus desvaneios. Este mergulho nos levou a conhecer as camadas populares que foram capazes de promover novas relações de socialização diante do cenário moderno que havia se tornado o Rio de Janeiro, mostrando para a sociedade elitista da capital, que a sua presença portadora de “inferioridade” seria importante na construção das culturas e das histórias. O que nos levou a ter a percepção ao longo da pesquisa que, o olhar de João do Rio sobre a cidade e as suas ruas modernas, é de reconhecimento da existência de grupos miseráveis que na rua se descobrem diante das alusões que a cidade moderna lhes oferece de presente.

Portanto, mediante as leituras das crônicas ficou compreensível que João do Rio, se encantou com a cidade como se fosse uma deusa, se jogou nos seus recantos esquecidos e trouxe de lá histórias de sofrimentos e de alegrias, logo descobrindo que não se tratava de uma deusa perfeita, mas de uma musa policromada. Essa multifaceta que a cidade apresentou desafiou o poeta a

desvendar seus segredos puros e impuros, através do olhar da arte de flunar nas ruas da capital.

Portanto, deixamos claro que o nosso trabalho de pesquisa é significativo, pois discute as relações dos sujeitos sociais com a cidade e, as transformações que ocorreram no espaço rua, o qual se constrói culturalmente através de movimentos e ações colaborativas do desenvolvimento social e cultural de uma sociedade, a exemplo do modernismo que desenvolveu novas perspectivas de pensamentos e ideias, diante dos aspectos sociais que se encontravam no país. Assim como também, contribui para o entendimento da miséria/pobreza diante da modernização do espaço urbano, onde os sujeitos são empurrados para a modernidade desejada por um grupo particularmente individualista.

Então, ficou claro que a “obsessão” por uma cidade moderna e grande com ruas vastas de embelezamento se tornou uma cópia ao estilo da capital francesa: Paris, o que levou as famílias cariocas abastadas a garantir o fortalecimento de seu status. A ousadia de João do Rio revelou o que estava escondido por trás de tal beleza da nova cidade do Rio, revelando para o mundo as minorias que sofrem com a miséria, as profissões proibidas, os descasos ligados a falta de higiene nos espaços de moradias e alojamentos coletivos etc.

Por fim, João do Rio, em suas crônicas tornou-se odiado pelas elites e por alguns autores do seu tempo por isso, pela sua coragem de mostrar realmente a realidade que se encontrava na grande capital carioca, manteve relação com esta, uma vez que dividiu sua vida com as ruas que passou se colocou como aqueles que ele conheceu. O desejo explícito de ser moderno e de viver sobre um espaço moderno, demonstra o desejo insano das “classes dominantes”, levando estas a construir no espaço urbano uma fachada “civilizada” de uma sociedade que se dizia moderna, mas se encontrava ainda atrasada e submetida aos traços coloniais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Modernidade e Revolução**. 1984. Disponível em: <http://www.iep.org.br/livros0modernidade_-_revolucao.pdf>. Acesso em: 18 julho 2017.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Tese de Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2001, p.74.

CALADO, Luciana. **A belle époque nas crônicas de João do Rio: o olhar de um flâneur**. Brazilian Studies Association – BRASA, 2008 p.03. Disponível em: <<http://www.brasa.org/sitemason/files/i4kzFC/Calado%20Deplagne%20Luciana.pdf>>. Acesso em: 27 de julho 2017.

CANDIDO, Antonio. “A vida rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler: Crônicas**. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2003, p.89-99.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.29.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. - Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.140-143.

JUNIOR, Sergio Luiz Milagre; FERNANDES, Tabatha de Farias. **A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX**. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5337/pdf>>. Acesso em: 22 de Julho de 2017

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. - Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.70.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.21.

PEREIRA, Elizabeth Guerra Parreiras Baptista. Cidades da América Latina: modernas ou modernizadas. In. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.6, n.7, Nov. 2010, p. 52. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1709>>.

Acesso em: 18 de julho 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.13-92.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p.33.

REZENDE, Antonio Paulo. A modernidade e o modernismo: significados. In. **Série História do Nordeste**. Recife: UFPE, vol. 1, n. 14, 1993, p. 7-24.

RIO, João do. **A Alma Encantadora Das Ruas**. Vol. 262. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.25-228.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **João do Rio**: a cidade e o poeta – olhar de *flâneur* na *belle époque* tropical. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.18-63.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.34-61.

WHITE, Edmund. **O flâneur**: um passeio pelos paradoxos de Paris. Trad. Reinaldo Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.15-170.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Trad. Paulo
Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.59-279.